



Sumário

Os personagens

1. As doenças da perplexidade
2. Aquele velho enganador
3. A operação de portentos
4. Um de vocês é um diabo
5. O bruxo
6. Um subúrbio do inferno
7. Agora dizem que são mais de setecentos
8. Nessas reuniões infernais
9. Nosso caso é extraordinário
10. Publicado para evitar relatos falsos
11. Essa escura e misteriosa estação
12. Uma longa trilha de miseráveis consequências¹

Notas

Bibliografia selecionada

Créditos das ilustrações

Agradecimentos

Índice onomástico

Os personagens

Na paróquia e seus arredores

BAYLEY, JAMES: primeiro pastor da aldeia de Salem, de 1673 a 1679. Cunhado de Thomas Putnam, tio da convulsa e uivante Ann Putnam, filha.

BURROUGHS, GEORGE: 42 anos, charmoso e livre-pensador, sucedeu Bayley no púlpito da aldeia, de 1679 a 1683. Foi embora repentinamente, e em 1692 era pastor na fronteira do Maine. Pai de sete filhos, combativo e controlador.

LAWSON, DEODAT: polido, de fala mansa, sucedeu Burroughs como pastor da aldeia de 1684 a 1688.

PARRIS, SAMUEL: 39 anos, clérigo no núcleo da invasão diabólica. Pai e tio das primeiras meninas enfeitiçadas, professor da primeira bruxa confessa, no púlpito de Salem de 1688 a 1696. Ávido, inflexível, sem tato.

A família PARRIS. ABIGAIL WILLIAMS: onze anos, sobrinha do pastor; interrompia sermões e, latindo, saltava de um lado para outro da sala. betty parris: nove anos, a única filha dos Parris a apresentar sintomas de enfeitiçamento; nunca compareceu a julgamentos. dois outros filhos: um menino de dez anos e uma menina de quatro, intocados e que ficaram perdidos no passado. tituba: há muitos anos escrava indígena; bondosa, primeira a vislumbrar um pacto diabólico e a relatar um voo. john indian: escravo insistentemente enfeitiçado; ao que tudo indica, marido de Tituba. elizabeth parris: cerca de 44 anos, esposa do pastor, nascida em Boston; atingida mais tarde, no verão.

Alguns outros aldeões de Salem

CHEEVER, EZEKIEL: 37 anos, alfaiate e fazendeiro, relator eventual e acusador nos julgamentos.

GRIGGS, WILLIAM: 71 anos, médico recém-chegado à aldeia, amigo íntimo de Thomas Putnam.

HUTCHINSON, BENJAMIN: vinte e poucos anos, filho adotivo de Nathaniel Ingersoll, o proprietário da taverna. Valente, golpeia cegamente espectros com seu forçado e seu florete.

INGERSOLL, HANNAH: cerca de sessenta anos, esposa do dono da taverna e vizinha da paróquia.

INGERSOLL, NATHANIEL: sessenta anos, tenente da milícia, primeiro diácono da aldeia, proprietário da taverna em que têm lugar acusações, inquéritos, conferências judiciais, ataques de espectros e muita especulação. Confidente de Putnam e Parris.

NURSE, FRANCIS: 74 anos. Experiente e firme, marido da acusada Rebecca Nurse. Insatisfeito com seu pastor já muito antes da crise.

POPE, BATHSHUA: quarenta anos, matrona enfeitada que interrompe sermões e levita durante o julgamento.

PUTNAM, THOMAS: quarenta anos, sargento da milícia, veterano da Guerra do Rei Felipe. Relator dos julgamentos, escriturário da paróquia, sólido apoiador de Parris. Mora com quatro vítimas de bruxaria. Faz as primeiras acusações e dá início a praticamente metade das restantes.

PUTNAM, EDWARD: 38 anos, irmão de Thomas, diácono da igreja. Cossignatário das primeiras acusações de bruxaria.

SIBLEY, MARY: 32 anos, vizinha da paróquia, grávida e preocupada. Sugere e supervisiona a confecção do bolo de bruxa na casa dos Parris.

WALCOTT, JONATHAN: 53 anos, capitão da milícia da aldeia e cunhado de Putnam, pai de Mary.

O núcleo de acusadores

BIBBER, SARAH: 36 anos, matrona briguenta e intrometida. Espetada por alfinetes no julgamento.

CHURCHILL, SARAH: cerca de vinte anos, refugiada e empregada doméstica na casa dos Jacob. Tenta abjurar, sem sucesso. Parente distante de Mary Walcott.

HOBBS, ABIGAIL: menina de catorze anos, de Topsfield, teimosa e desregrada, antes empregada doméstica no Maine. Segunda a confessar bruxaria, e desde então acusadora. Manda pai e mãe para a prisão.

HUBBARD, ELIZABETH: dezesseis anos, órfã e empregada doméstica na casa do tio, dr. Griggs. Está entre as cinco acusadoras mais ativas.

LEWIS, MERCY: dezenove anos, órfã, duas vezes refugiada. Empregada doméstica dos Burroughs no Maine, em 1692 é empregada dos Putnam em Salem. Faz identificações confiáveis de atacantes invisíveis e fornece testemunhos muito detalhados. Conhecida como “moça visionária”.

PUTNAM, ANN, FILHA: doze anos, a mais velha de seis irmãos. Consegue prever acontecimentos e se lembra de outros que assolaram seu nascimento. Única acusadora a viver em casa com pai e mãe.

PUTNAM, ANN, MÃE: por volta de trinta anos, mãe de Ann Putnam, grávida, piedosa, incapacitada por fantasmas e bruxas, sujeita a transes.

SHELDEN, SUSANNAH: dezoito anos, duas vezes refugiada do Maine. Testemunhou atrocidades praticadas por indígenas e havia recém-enterrado o pai. Denuncia inúmeros assassinatos.

WALCOTT, MARY: dezesseis anos, filha de um capitão da milícia da aldeia, mora com os primos Putnam. Sobrinha de Ingersoll, acusa ao menos setenta pessoas de bruxaria.

WARREN, MARY: vinte anos, refugiada órfã, empregada doméstica da família Procter. Torturada, acusada, torturada novamente. Extremamente bonita, suporta torturas violentas e sanguinárias.

Alguns acusados

ALDEN, JOHN: sessenta e tantos anos, esperto comerciante de peles de Boston, oficial da milícia e capitão do mar. Há muito associado a Bartholomew Gedney, comerciante de Salem. Paroquiano de Willard, amigo e vizinho de Samuel Sewall.

BARKER, WILLIAM: 46 anos, fazendeiro eloquente e cheio de dívidas.

bishop, bridget: cinquenta e poucos anos, viúva residente na cidade de Salem, beligerante, provocadora, impetuosa. No julgamento foi confundida com Sarah Bishop, da aldeia de Salem.

CARRIER, MARTHA: quase quarenta anos, amarga mãe de cinco filhos. Muito antes de 1692 parecia candidata provável a “Rainha do Inferno”. Zomba afirmando que as atormentadas estão “fora de si”. Primeira bruxa de Andover a ser presa.

CARRIER, RICHARD, dezoito anos, e ANDREW, dezesseis anos: robustos filhos de Martha, ambos submetidos a torturas, depois das quais Richard cita mais confederados diabólicos que qualquer outro confesso do sexo masculino.

CARY, ELIZABETH: quarenta e poucos anos. Esposa de um irascível construtor de navios de Charlestown. Viaja a Salem para limpar seu nome e sai acorrentada.

CLOYCE, SARAH: 44 anos, irmã muito mais nova e infeliz de Rebecca Nurse. Membro da igreja da aldeia, parente de Francis Dane pelo primeiro casamento.

COLSON, ELIZABETH: dezesseis anos, vigorosa adolescente de Reading, única das meninas a evitar a prisão.

COREY, GILES: cerca de setenta anos, fazendeiro destemido e combativo. Inicialmente acusa a esposa, depois desafia a corte.

COREY, MARTHA: sessenta e poucos anos, terceira esposa de Giles. Desaforada, teimosa, dogmática. Passa por todas as prisões de Massachusetts.

ENGLISH, PHILIP: 42 anos, nascido Philippe l’Anglois, originário de Jersey, franco e decidido. Imigrante empreendedor, comerciante mais rico de Salem, recém-eleito para o Conselho Municipal.

ENGLISH, MARY: cerca de quarenta anos, esposa de Philip. Filha de importante comerciante de Salem e de uma mulher antes acusada de bruxaria. Consegue escapar com o marido.

ESTY, MARY: 58 anos, mulher bondosa, originária de Topsfield, mãe de sete filhos, a mais nova das três irmãs Towne. Encanta até seus carcereiros.

FOSTER, ANN: cerca de setenta anos, viúva calada, mãe de uma vítima de 22 anos e sogra de um assassino executado. Capta os primeiros indícios de voo e faz a ligação deles com sabás diabólicos.

GOOD, SARAH: 38 anos, mendiga mal-humorada e combativa. A primeira a ser interrogada por suspeita de bruxaria. Mãe de uma acusada de cinco anos.

HOAR, DORCAS: 58 anos, viúva, adivinha fofoqueira e dada ao furto. De aspecto fora do comum, assusta as crianças com facilidade.

HOW, ELIZABETH: cinquenta e poucos anos, esposa dedicada de um fazendeiro cego de Topsfield. Parente dos Dane, Carrier e Nurse. Há muito é suspeita de bruxaria.

JACOBS, GEORGE: velho fazendeiro animado e analfabeto.

JACOBS, MARGARET: dezessete anos, neta de George, articulada e expressiva. Confessa, abjura, chora copiosamente no calabouço de Salem.

LACEY, MARY, FILHA: dezoito anos, autodescreve-se como filha desobediente. Muito falante, com pendor teatral.

LACEY, MARY, MÃE: quarenta anos, mãe de Mary Lacey e filha de Ann Foster.

MARTIN, SUSANNAH: 71 anos, diminuta viúva de Amesbury, dura, controlada. Acusada e liberada da suspeita de bruxaria em 1669.

NURSE, REBECCA: 71 anos, bisavó quase surda, doente e sensível. Representa o maior desafio à corte de julgamento.

OSBORNE, SARAH: cerca de cinquenta anos, frágil, estava entre as três primeiras suspeitas. Envolvida numa prolongada disputa com seus parentes Putnam.

PROCTER, ELIZABETH: 41 anos, grávida, mãe de cinco e madrasta de seis crianças. Temperamental, gosta de ler. Neta de uma suspeita de 1669.

PROCTER, JOHN: sessenta anos, marido bem mais velho de Elizabeth, fazendeiro e taverneiro desbocado e enganador. Jura que os possuídos devem ser enforcados. Primeiro homem a ser acusado de bruxaria em 1692.

TOOTHAKER, MARY: 44 anos, originária de Billerica, viúva de um acusado de magia. Meditativa, ingênua, apática, é irmã de Martha Carrier e sobrinha do reverendo Dane.

WARDWELL, SAMUEL: 49 anos, adivinho e carpinteiro, no fim da lista de contribuintes de Andover. Faz uma confissão vívida, depois abjura. Pai de sete filhos.

WILDS, SARAH: sessenta e tantos anos, esposa de um carpinteiro de Topsfield, já fora acusada dezesseis anos antes. Mãe do guarda da cidade.

WILLARD, JOHN: cerca de trinta anos, guarda da aldeia, ex-camponês dos Putnam. Marido violento maltratado pelos parentes.

As autoridades

BRADSTREET, DUDLEY: 44 anos, filho do governador anterior da colônia. Importante cidadão de Andover, juiz de paz, membro do Conselho Municipal de 1692. Ordena a ampliação das prisões por bruxaria. Foge quando acusado.

CORWIN, GEORGE: 26 anos, oportunista, alto xerife do condado de Essex. Sobrinho de dois juízes de bruxaria e genro de um terceiro.

CORWIN, JONATHAN: 52 anos, comerciante e vendedor de bebidas da cidade. Há muito confederado de Hathorne e experiente juiz de paz, membro permanente das audiências. Aparentado por casamento com os Winthrop, os Hathorne e os Sergeant.

DANFORTH, THOMAS: 69 anos, proprietário de terras de Charlestown. Reverteu um veredicto de culpado num caso de bruxaria anterior; comanda os primeiros exames de magia em 1692. Produz os primeiros relatos de encontros de bruxas, mas acaba por se opor aos julgamentos.

GEDNEY, BARTHOLOMEW: 52 anos, audacioso e empreendedor proprietário de moinho. Respeitado médico, magistrado e major da milícia. Parente dos Corwin.

HATHORNE, JOHN: 51 anos, próspero magistrado local, arbitrário, intimidante. Originário de uma das primeiras famílias da cidade de Salem, é parente dos Putnam.

HERRICK, GEORGE: trinta e poucos anos, bonito e bem-nascido subxerife de Salem, tapeceiro por profissão. Passou o ano de 1692 prendendo e transportando bruxas.

HIGGINSON, JOHN, JR.: 46 anos, filho mais velho do reverendo Higginson, oficial da milícia, dedicado ao negócio da pesca. Recém-eleito juiz de paz, um dos examinadores das bruxas.

PHIPS, SIR WILLIAM: 41 anos, capitão do mar, aventureiro e empreendedor sem instrução. Foi nomeado governador de Massachusetts.

RICHARDS, JOHN: 67 anos, o membro mais velho da corte de julgamento. Parente de três colegas, solicita orientação jurídica. Comerciante de Boston, tesoureiro de Harvard, destacado patrocinador de Cotton Mather.

SALTONSTALL, NATHANIEL: 53 anos, membro da corte por pouco tempo. Considerado o “mais popular e de melhores princípios” dos oficiais militares de Massachusetts.

SERGEANT, PETER: 45 anos, comerciante e juiz de bruxas de Boston, fabulosamente rico. Emprestou recursos ao estado de Massachusetts, é sócio de Samuel Sewall.

SEWALL, SAMUEL: quarenta anos, bostoniano gordo, alegre, sofisticado e devoto. Membro mais jovem da corte de julgamento e irmão do escriturário da corte.

SEWALL, STEPHEN: 35 anos, escriturário da corte e mantenedor dos documentos. Comerciante da cidade de Salem e oficial militar, abriga Betty Parris.

STOUGHTON, WILLIAM: sessenta anos, juiz principal do grande júri. Homem corpulento, engomado, de olhos miúdos, tem alto discernimento e requintado conhecimento de teologia. É a autoridade judicial mais confiável da Nova Inglaterra. Especulador de propriedades e solteirão a vida inteira.

WINTHROP, WAIT STILL: 51 anos, neto de John Winthrop, fundador da Colônia da Baía. Major-general e influente proprietário de terras, é apolítico, atento à moda e servidor público relutante. Amigo de Samuel Sewall e íntimo de Cotton Mather.

Dentre os pastores

BARNARD, THOMAS: 34 anos, agitado pastor ortodoxo, originário de Andover. Organiza o teste de toque nos julgamentos.

DANE, FRANCIS: 76 anos, pastor mais velho de Andover, no púlpito desde 1648. Cauteloso quanto à bruxaria, autocrático e inflexível, não tem instrução formal.

HALE, JOHN: 56 anos, nascido em Charlestown, pastor de Beverly simpático e compassivo. Fascinado pelos procedimentos e a mecânica da bruxaria, quando criança assistiu ao enforcamento da primeira bruxa de Massachusetts. Parente de Noyes por casamento.

HIGGINSON, JOHN: 76 anos, há trinta anos no púlpito da cidade de Salem. Sóbrio, bem-falante, altamente respeitado.

MATHER, COTTON: 29 anos, filho de Increase Mather e pastor assistente da Segunda Igreja de Boston. Estudante de Harvard aos onze anos, mestre em teologia aos dezoito, é a estrela ascendente do clero da Nova Inglaterra, hábil, brilhante, prolífico, grande conversador.

MATHER, INCREASE: 53 anos, pastor da Segunda Igreja desde 1664. Clérigo mais importante da Nova Inglaterra e seu mais destacado intelectual, presidiu o Harvard College de 1685 a 1701. É o procurador da nova Carta da colônia.

MOODY, JOSHUA: 59 anos, pastor da Primeira Igreja de Boston, colega de escola de Willard. Acredita mais na bruxaria que na corte de Stoughton e ajuda em fugas.

NOYES, NICHOLAS: 45 anos, colega de escola de Burroughs em Harvard, pastor assistente de Higginson. Solteirão corpulento e vivaz, autor de versos mortalmente ruins. Amigo mais próximo de Samuel Sewall na cidade de Salem.

WILLARD, SAMUEL: 52 anos, pastor da Terceira Igreja. Ao lado de Mather, o mais eminente dos clérigos de Boston. Erudito, diplomático, de visão clara, discreto.

Uns poucos cétricos

BRATTLE, THOMAS: 34 anos, solteirão, cientista e lógico talentoso com pendores anglicanos. Recém-chegado de uma viagem à Inglaterra, passada em grande parte na companhia de Samuel Sewall, comparece a várias audiências de Salem.

CALEF, ROBERT: 44 anos, comerciante de tecidos de Boston, tem alguma sabedoria. Compareceu aos julgamentos e pelo menos a um enforcamento, e é o principal antagonista de Mather.

MAULE, THOMAS: 47 anos, combativo e arguto dono de loja na cidade de Salem que acusou Bridget Bishop. Mais tarde tornou-se quacre e crítico dos julgamentos.

MILBORNE, WILLIAM: cinquenta e poucos anos, ex-residente nas Bermudas; pastor batista problemático, com formação jurídica. Preso por perturbação da ordem.

PIKE, ROBERT: setenta e tantos anos, membro do Conselho e capitão da milícia, importante morador de Salisbury. Franco, provavelmente é o primeiro funcionário público a expressar preocupação com os julgamentos.

WISE, JOHN: quarenta anos, pastor de Ipswich, contemporâneo de Parris e seu colega em Harvard. Ousado, magnético, articulado, é um herói local. Cumpriu pena por protestar contra abusos do governo.

1. As doenças da perplexidade

Com toda a franqueza, declaramos que nada é claro neste mundo. Apenas tolos e charlatões sabem e conhecem tudo.¹

ANTON TCHEKHOV

EM 1692, a Colônia da Baía de Massachusetts executou por bruxaria catorze mulheres, cinco homens e dois cachorros. A feitiçaria se materializou em janeiro, o primeiro enforcamento ocorreu em junho, o último em setembro. Seguiu-se um rígido silêncio chocante. O que incomodou os sobreviventes não foi a maliciosa prática de bruxaria, mas a desastrada aplicação da justiça. Parece que inocentes foram enforcados, enquanto alguns culpados escaparam. Não houve voto de jamais esquecer; entregar esses nove meses ao olvido parecia a reação mais adequada – e funcionou durante uma geração. Desde então nós conjuramos Salem, o pesadelo nacional americano, o episódio cruel de tabloide, o capítulo distópico do passado. Ele explode e salta através da história e da literatura dos Estados Unidos.

Ninguém foi queimado na fogueira, nenhuma parteira morreu. O vodu chegou mais tarde, com um historiador do século XIX;² o escravo meio negro, com Henry Longfellow; os encantamentos na floresta, com Arthur Miller. A erudição desempenha na história um papel maior que a ignorância. No entanto, é verdade que 55 pessoas confessaram prática de bruxaria e um pastor foi enforcado. Embora nunca saibamos o número exato dos formalmente acusados de ter “maldosa, maliciosa e delituosamente” se envolvido com bruxaria, algo entre 144 e 185 bruxas e bruxos foram citados em 25 aldeias e cidades antes do fim da crise.³ Há relatos de que mais de setecentas bruxas voaram sobre Massachusetts. Tantos foram os acusados que as testemunhas confundiam seus feiticeiros.

A bruxa mais nova tinha cinco anos, a mais velha quase oitenta. Uma filha acusou a mãe, que por sua vez acusou a mãe, que acusou uma vizinha e um pastor. Uma esposa e uma filha denunciaram o marido e pai. Uma mulher que viajou até Salem para limpar seu nome acabou algemada antes do fim da tarde. Em Andover – a comunidade mais severamente afligida –, uma em cada quinze pessoas foi acusada. O pastor mais velho da cidade descobriu que conhecia nada menos que vinte bruxas. Ao longo do episódio vêm à tona várias perguntas que tocam o nervo exposto de nossos medos: quem estava conspirando? É possível ser bruxa sem saber? Alguém estaria a salvo?

Como, três gerações depois da fundação, a idealista Colônia da Baía chegou a um lugar tão escuro? As teorias que se propõem explicar os julgamentos de bruxos em

Salem são inúmeras: tensões geracionais, sexuais, econômicas, eclesiásticas e de classe; hostilidades regionais importadas da Inglaterra; envenenamento alimentar; histeria adolescente; fraude, impostos, conspiração; trauma de ataques indígenas; e feitiçaria em si estão entre as mais razoáveis. As acusações de bruxaria tendem a atingir o pico no final do inverno. Ao longo dos anos, várias partes desempenharam o papel de vilão. Os moradores de Salem procuravam explicar o que levava um guarda com um mandado de prisão a qual porta. Para eles, o padrão era só ligeiramente mais claro que para nós. Mesmo na época, ficou evidente para alguns que Salem era uma história atrás da qual havia outra história sobre algo completamente diferente.⁴ Em trezentos anos, ainda não penetramos nesses nove meses da história de Massachusetts. Se soubéssemos mais sobre Salem poderíamos prestar-lhe menos atenção.

A população da Nova Inglaterra em 1692 caberia no atual Yankee Stadium. Praticamente todos eram puritanos. Tendo sofrido por sua fé, aquelas famílias viajaram para a América do Norte a fim de exercer sua crença “com mais pureza e menos perigo do que no país de onde vinham”, como disse um pastor no auge da crise.⁵ Eles consideravam incompleta a Reforma, insuficientemente pura a Igreja da Inglaterra. Tencionavam completar a tarefa em novo local e tinham a vantagem de construir do nada uma civilização. Protestantes não conformistas, eles eram duplamente dissidentes. Isso não os tornava pessoas bem-aceitas, pois tendiam a criar cisões e facções. Como qualquer povo oprimido, se definiam por aquilo que os ofendia, o que daria à Nova Inglaterra um sabor destemido e, como já se afirmou, levaria à independência dos Estados Unidos. Calvinistas rigorosos tinham percorrido uma grande distância para rezar como quisessem e eram intolerantes com os diferentes. Eram ardorosos, incuravelmente lógicos, de uma cultura tão homogênea como jamais existiu naquele continente. Se havia algum livro nas casas, este era a Bíblia. Os americanos dos primórdios respiravam, sonhavam, disciplinavam e alucinavam com base em imagens e textos bíblicos.

O Novo Mundo era um plágio do Velho, mas com algumas mudanças cruciais. Estendendo-se de Martha's Vineyard à Nova Escócia, e incorporando partes dos atuais Rhode Island, Connecticut, New Hampshire e Maine, a comunidade bíblica se empoleirava à margem da natureza selvagem. Desde o primeiro momento ela se batia com outra matéria-prima americana: o selvagem diabólico, o terror moreno ali no quintal. Mesmo os postos menos isolados da colônia sentiam a própria fragilidade. Os americanos de então viviam não apenas na fronteira, mas fora do tempo. Os residentes da baía de Massachusetts nem sempre sabiam quem ocupava o trono ao qual deviam obediência; em 1692 não conheciam os termos de seu governo e tinham passado três anos sem governo algum, quando uma nova Carta chegou de navio. Durante três meses de 1691 não tinham certeza do ano em que viviam, porque o papa aprovou o calendário gregoriano, mas a Nova Inglaterra o rejeitou, continuando a datar o começo do ano em

25 de março. (Quando as bruxas atacaram suas primeiras vítimas na aldeia de Salem, era 1691 na Nova Inglaterra e 1692 na Europa.)

Em assentamentos isolados, em casas sombrias, os moradores da Nova Inglaterra viviam no escuro, onde vicejam o sagrado e o oculto. Seus medos e caprichos eram pouco diferentes dos nossos. Mas o escuro deles era um escuro diferente. O céu sobre a Nova Inglaterra era de um negro bíblico, tão negro que era difícil seguir uma trilha à noite. Em toda a Nova Inglaterra seria difícil encontrar mais que umas poucas almas para quem o sobrenatural não fizesse parte da cultura, assim como o próprio diabo. Um ano depois de passada a crise de bruxaria, Cotton Mather, um dos homens mais cultos dos Estados Unidos, visitou Salem. Ele perdeu as anotações de seu sermão, que apareceram um mês depois, espalhadas nas ruas de uma cidade vizinha. Concluiu que agentes diabólicos as tinham roubado.⁶ Não se duvidava da realidade da bruxaria, como também não se duvidava da verdade literal da Bíblia. Ao lado da fé, a bruxaria servia a um propósito útil. Aquilo que irritava, confundia, humilhava, tudo se dissolvia em seu caldeirão. Para algumas das coisas que assolavam o habitante da Nova Inglaterra do século XVII temos explicações modernas. Para outras, não. O mundo do século XVII parecia cheio de acontecimentos inexplicáveis, não muito diferentes daqueles do mundo moderno automatizado.

Mesmo aqueles que não ocupavam o alto plano espiritual dos puritanos eram suscetíveis ao que Mather chamou de “doenças da perplexidade”.⁷ Antes e depois dos julgamentos, a Nova Inglaterra se banqueteara com histórias sensacionais de mulheres ousadas que demonstravam fortaleza sob ataques indígenas. Essas narrativas de cativo forneceram algo como um padrão para a bruxaria. Salem é em parte a história do que acontece quando um conjunto de perguntas sem respostas encontra um conjunto de respostas inquestionáveis.

Rica em seres humanos que mudam de forma, voos fantásticos, madrastas más e feno enfeitiçado, a crise de Salem é parecida com outro gênero do século XVII: o conto de fadas. Salem toca naquilo que é irreal, mas de forma alguma mentiroso; no seu cerne estão desejos frustrados e ansiedades não expressas, pulsões sexuais subjacentes e terror rude. O episódio se desenrola naquele espaço fértil de sonho entre o fantástico e o absurdo. Houve julgamentos de bruxas antes na Nova Inglaterra, mas não precipitados por uma coorte de meninas adolescentes e pré-adolescentes enfeitiçadas. Também como um conto de fadas, Salem é uma história em que as mulheres – mulheres determinadas e mulheres medrosas, subservientes, matronas corretas e adolescentes transviadas – desempenham papel decisivo. Um grupo de meninas muito jovens, privadas de direitos, desencadeou a crise, revelando forças que ninguém podia conter e que ainda hoje espantam – que podem ou não ter algo a ver com a razão para se transformar uma história de mulheres em perigo numa história de mulheres perigosas.

Mulheres são as vilãs nos contos de fadas – qual o significado de sentar no próprio emblema do humilhante trabalho doméstico e sair voando? Mas esses contos são também o território da juventude. Em todos os níveis, a crise de Salem está ligada à adolescência, essa idade imoderada e vulnerável na qual saltamos a fronteira entre o racional e o irracional. A crise começou com duas meninas pré-pubescentes e logo passou a envolver um grupo de adolescentes consideradas enfeitiçadas por parte de indivíduos que a maioria delas nunca havia visto. As meninas vinham de uma aldeia que clamava por autonomia. Durante anos a Coroa tentara impor suas autoridades à Nova Inglaterra, e as últimas delas haviam sido desbancadas pelos cidadãos importantes de Massachusetts – entre os quais se encontravam quase todos os juizes de bruxaria. Eles tinham toda a razão de solicitar proteção da Inglaterra contra indígenas saqueadores e franceses astutos. Mas, embora lamentassem sua vulnerabilidade, os colonos não aceitavam supervisão. Desde o começo se manifestaram contra a interferência, prometendo rejeitá-la quando ocorresse e se sentindo humilhados quando ocorreu. A relação com a terra-mãe evoluíra para uma querela constante; durante algum tempo as pessoas que deviam proteger os colonos pareciam persegui-los. As autoridades de Massachusetts também sofriam de outra ansiedade que viria a desempenhar seu papel em 1692: toda vez que olhavam para trás, com admiração pelos homens que haviam fundado sua comunidade temente a Deus, cada vez que louvavam aquela grande geração, eles próprios ficavam um pouquinho menores.

A VERDADE HISTÓRICA só vem à tona com o tempo. Com Salem ela se esgueirara vacilante. Ávidos mantenedores de registros, os puritanos não gostavam que as coisas fossem esquecidas. No entanto, meados de 1692 é um período em que, se levarmos em conta os arquivos existentes, aparentemente ninguém em Massachusetts mantinha um diário regular, nem os mais fanáticos por diários. O *Compleat Body of Divinity*, de Samuel Willard – compêndio tão volumoso que nenhuma gráfica da Nova Inglaterra conseguiu imprimir –, faz um silêncio espetacular entre 19 de abril e 8 de agosto, embora não tenha saltado nem um mês de 1691 ou 1693. Um respeitável pastor de Salem escreveu a seu filho mais velho nesse verão que a irmã havia sido abandonada pelo marido desgraçado.⁸ Ele não mencionou que ela fora também detida por acusações de bruxaria. Aos 29 anos, a caminho da eminência, Cotton Mather residia em Boston, mas depois ficou tanto tempo em Salem que se inscreveu em sua história. Ele compôs grande parte de seu diário de 1692 depois do fato ocorrido. Salem nos chega marcada por omissões do século XVII e invenções do século XIX. O Holocausto levou Marion Starkey à bruxaria de Salem em 1949. Ela produziu o volume que inspiraria Arthur Miller a escrever *As bruxas de Salem* no começo da crise do macarthismo. Assim como Nathaniel Hawthorne, Miller se afastou muito da história.

Não sobrou traço de uma única sessão da corte dos julgamentos de bruxaria. Há relatos dos julgamentos, mas não registro oficial; restam depoimentos, acusações,

confissões, petições e duas sentenças de morte. O livro de registros da aldeia de Salem foi expurgado e ainda não circulava nenhum jornal na colônia na época. Embora as enfeitiçadas tenham mobilizado uma plateia arrebatada durante boa parte do ano, suas palavras nos chegam exclusivamente através de homens raras vezes imparciais e nem sempre transcrevendo da sala em que ouviam as declarações. Eles mutilam as vozes das acusadas, são desatentos com os acusadores. É difícil dizer com certeza quais falas são de quem. Os relatores logo desistiram de transcrever com fidelidade, preferindo resumir, acrescentando temperos. Um deles simplesmente anotou que a acusada adotou “uma maneira muito perversa e desdenhosa”; outro interrompeu seu trabalho para chamar a suspeita de mentirosa.⁹ Mais de cem relatores registraram testemunhos, no entanto poucos eram treinados para isso, e tudo era inconsistente. Mesmo quando transcreviam a resposta, não anotavam a pergunta, embora seja fácil imaginá-la quando se pensa numa jovem de dezenove anos parada diante de três dos homens mais imponentes que irá ver na vida, a gritar “Eu conto! Eu conto!” – passando a confessar bruxaria.¹⁰

Os acusadores confundem as suspeitas, e os cronistas as confundem ainda mais. Diversas bruxas tinham o mesmo nome. Sabemos pouco sobre a maioria delas, são como personagens de contos de fadas, reconhecidas só por um detalhe: Mary Warren é muito bonita, Abigail Hobbs é desavergonhada. O que queremos que as envolvidas nos revelem? O que estavam pensando quando confessavam voar no ar ou sufocar o vizinho? Onde estava o diabo em Salem e o que ele queria? Como aqueles que suportaram as perversas acusações encontraram forças para resistir? Todos eles morreram acreditando em bruxas. Em que momento lhes terá ocorrido que, embora a bruxaria pudesse ser real, os julgamentos foram uma farsa?

Há muita coisa que não podemos saber, e voltamos insistentemente às suas palavras para arrancar respostas do seco texto puritano, para liberar o sentido de um episódio que se originou na alegoria, explodiu numa história incandescente e acabou assentado de volta na alegoria. Se conseguirmos apenas fixar as palavras na ordem correta, o horizonte ficará mais claro, nossa visão será melhor, e – se a incerteza abrir suas garras – tudo se encaixará milagrosamente em seu lugar.

2. Aquele velho enganador

Mas quem é capaz de dizer as coisas miraculosas que irei ver antes que este ano termine?¹

COTTON MATHER, 1692

DESLIZANDO ACIMA de bosques de carvalhos, pântanos e um emaranhado de córregos, Ann Foster voou montada num galho. Era meados de maio de 1692. No mesmo galho, à sua frente, estava Martha Carrier, com metade da idade de Ann e destemida mãe de quatro filhos. Martha persuadira Ann a acompanhá-la, conhecia o caminho. Há anos as duas mulheres, vizinhas próximas cujas famílias eram de origem escocesa, frequentavam a mesma igreja em Andover, Massachusetts.

Viajavam em alta velocidade, percorrendo um trajeto que exigiria viagem de três horas e meia a cavalo, num terreno pedregoso, irregular e intransitável no escuro. O voo não ocorreu sem incidentes. Flutuando num minuto, as mulheres se viram em queda livre no minuto seguinte, quando o galho de repente se partiu e as duas caíram. Ann sentiu a perna dobrar. Instintivamente agarrou-se ao pescoço de Martha, de tal forma que as duas saíram voando de novo para pousar em segurança num campo da aldeia de Salem. A reunião ainda não havia começado; tiveram tempo de fazer um piquenique na grama. O acidente não era o primeiro desses desastres aéreos. Duas décadas antes, uma menina na Suécia, a caminho de uma importante reunião tarde da noite no campo, despencara de grande altitude. Ela acabou com “uma imensa dor nos quartos”.²

Ann Foster e Martha Carrier voaram quase vinte quilômetros sobre terras pouco habitadas. Fazia sentido que ninguém as visse riscar o céu. Que ninguém ouvisse a queda surpreendia mais. O som ecoava no ar da Nova Inglaterra, exercendo poder amplificador na imaginação.³ O rugido de ursos-negros se irradiava até muito longe, assim como o grito da multidão quando um cadafalso se abria. Cada distúrbio pedia uma explicação. Um urro incrível? Em Boston, Samuel Sewall descobriu que era o lamento de uma vaca mordida por um cachorro. Cães uivavam durante a noite para os lobos. Mas às vezes o louco latido e o estalar da madeira antes do amanhecer indicavam algo mais sinistro: eram os vizinhos desmontando a casa ao lado, hábil solução para uma disputa de propriedade.

Também não fazia sentido acreditar nos próprios olhos. Às vezes os passos pesados no escuro revelavam estrangeiros em fardas brilhantes que deixavam trilhas visíveis antes de evaporar nos milharais, pomares e pântanos. Eles disparavam tiros de

verdade, mas mostravam-se imunes às balas dos milicianos de Ipswich. Entenderam que se tratava de fantasmas de franceses e indígenas. Era uma explicação melhor que as outras. Você podia acordar à noite e descobrir uma família de gatos brincalhões. O luar claro podia também revelar que a agitação na janela fora Susannah Martin, que se enfiara em sua cama e, montada em sua barriga, tentava agarrar seu pescoço; e o que dizer da água-viva a brilhar no escuro, tarde da noite? Quem havia deslocado os pontos de referência, fazendo um homem de Amesbury tropeçar nas moitas e cair num poço inexistente?

Formas emergiam do escuro e se transformavam em entidades totalmente diferentes. A tropa de homens e cavalos na praia a meia distância era um índio manco com uma rede de pescar ao ombro. Quando Tituba, a criada do reverendo Samuel Parris, topou com uma criatura peluda de noventa centímetros de altura, com asas e nariz comprido, se aquecendo diante da lareira da casa paroquial, ela a tomou pela impertinente Sarah Osborne. O pastor de Beverly, John Hale, talvez tenha sido mais correto ao avaliar que, quando alguma coisa descia rasgando a chaminé, fazendo tremer as vasilhas e paralisando seu braço, tratava-se de um raio. Numa tentativa igualmente segura de adequar percepção e compreensão, vários pastores eminentes, debatendo por que a “artilharia celeste” parecia se voltar de preferência para a casa dos clérigos, tinham razão ao concluir que, quando montes de granizo de repente estilhaçavam as janelas e se espalhavam pelo chão, era porque alguém, em algum lugar, queria dizer alguma coisa.⁴

DUAS COISAS VOAVAM ainda mais depressa que as mulheres de Andover na Nova Inglaterra. Os nativos americanos saíam correndo da floresta e deslizavam silenciosamente pelas aldeias. “Feiticeiros temíveis e diabólicos conjuradores”, pareciam verdadeiros príncipes das trevas. Índios armados podiam aparecer em sua sala para se aquecer, fazendo-lhe propostas enquanto você se encolhia num canto. Você podia voltar de uma viagem a Boston e encontrar sua casa reduzida a cinzas, sua família levada em cativeiro, tudo cortesia de um inimigo invisível.⁵ “Eles são mais difíceis de encontrar que de rastrear”, observou Cotton Mather, o brilhante jovem pastor de cabelo louro.⁶ Os índios se esquivavam, espreitavam, cometiam atrocidades e desapareciam. “Nossos homens não conseguem ver nem um inimigo em quem atirar”, lamentou um major-general de Cambridge. A Guerra do Rei Felipe, contenda de quinze meses entre colonos e nativos americanos, terminara em 1678. O conflito destruiu um terço das cem cidades da Nova Inglaterra, pulverizou sua economia e cobrou 10% da população de homens adultos.⁷ Todo residente da Colônia da Baía, sobretudo os do condado de Essex, ao qual Salem pertencia, perdera um amigo ou parente. Em 1692 os colonos se referiam a esses meses terríveis como “a última guerra indígena” por uma razão: outra luta começara a tomar forma. Uma série de ataques devastadores

pressagiu um novo conflito com os Abenaki – e com os franceses que se aliaram a eles.⁸

Rumores eram o outro viajante célere. Conforme observou um livreiro do século XVII: “Toda a raça humana é em geral contaminada por um ardente desejo de ouvir novidades.”⁹ Esse estado de coisas se tornava mais agudo pela ausência de jornais. O morador da Nova Inglaterra devia se contentar com os boatos. Um casal de Salem levou um criado a julgamento por espioná-los e vender o que via. Com as camas compartilhadas e as casas lotadas – a família média da aldeia de Salem era formada por seis pessoas abrigadas em quatro cômodos –, era difícil ter privacidade. Muitos residentes de Massachusetts acordavam às vezes com trocas de risadas na própria cama em que dormiam.

Com uma população de não mais de 550 pessoas, a aldeia de Salem conhecia muito mistério e pouco segredo. Boatos tinham longa duração, enfeitados com acréscimos. Em 1692, todos em Andover sabiam que três anos antes Ann Foster sofrera uma perda horrível. Uma noite, o genro e a filha tinham discutido sobre a venda de uma terra, e o genro encerrou o assunto cortando o pescoço da esposa, grávida do oitavo filho do casal. O assassino se arrependeu na prisão, testemunhando publicamente sobre as virtudes da harmonia familiar. Em 1689, o neto de Ann escapou por milagre de uma emboscada indígena. Parcialmente escalpelado, foi dado como morto. Também não era segredo que Martha Carrier, a companheira de voo de Ann, tivera um filho antes de se casar com o pai da criança, um criado galês sem tostão. Em 1690, os Carrier contraíram varíola, Andover ordenou que deixassem a cidade, e eles se recusaram. Os conselheiros locais puseram a família em quarentena, temendo que “espalhassem a afecção com perverso descuido”. Décadas antes, correria o boato de que Martha era bruxa.

No final de janeiro de 1692 – na época do terrível ataque indígena que arrasou York, no Maine, deixando o pastor mutilado e morto à porta de sua casa; quando o degelo liberou a Nova Inglaterra de um inverno brutal; quando chegou a notícia de que, do outro lado do oceano, um novo governador de Massachusetts havia beijado o anel de Guilherme III e estaria voltando para casa com uma nova Carta, prometendo libertar a colônia de meses de anarquia – surgiram relatos de que havia algo de errado na família de Samuel Parris, o pastor da aldeia de Salem.¹⁰

A coisa começou durante uma semana de noites muito escuras. Abigail Williams, a sobrinha do reverendo, de onze anos, foi atingida primeiro. Logo Betty Parris, de nove anos, apresentou os mesmos sintomas. As primas reclamaram de picadas e beliscões de “agentes invisíveis”; elas latiam, ficavam mudas, seus corpos amoleciam ou ficavam rígidos. Nenhuma das meninas tinha febre nem epilepsia. Emitiam palavras “tolas, ridículas, que nem elas mesmas conseguiam entender”. Rastejavam para buracos ou para debaixo de cadeiras das quais eram retiradas com dificuldade. Uma delas desapareceu no poço, Abigail tentou se alçar no ar batendo os braços. Não pareciam ter

tempo para as orações, embora até janeiro ambas fossem bem-comportadas e cordatas. À noite, dormiam como bebês.

Tudo isso já havia acontecido antes. O exemplo mais memorável era o de quatro crianças de Boston, filhos e filhas de um devoto pedreiro, de “temperamento e maneiras exemplares”, que sofreram uma perturbação inexplicável. “Latiam uns para os outros e ronronavam como gatos”, registrou Cotton Mather, que observou os filhos de John Goodwin em 1689. Encolhiam-se a golpes de varas invisíveis, gritavam que eram cortados por facas ou presos com correntes. As dores os atacavam em todo o corpo, e as crianças não podiam ser despidas nem vestidas por causa das contorções. “Às vezes ficavam surdas, às vezes mudas, às vezes cegas, com frequência tudo ao mesmo tempo”, anotou Mather. A censura paterna os lançava em agonia, as tarefas eram um desafio. “Mas nada no mundo”, relatou Mather, “os perturbava tanto quanto um exercício religioso.” Qualquer menção a Deus ou a Cristo os lançava numa “angústia intolerável”.

No verão, Goodwin levou Martha, de treze anos, para se cuidar. A menina marchou e galopou pela casa de Mather em seu “corcel aéreo”, assobiando durante a reza familiar e batendo em quem tentasse rezar em sua presença.¹¹ Samuel Parris e sua esposa, Elizabeth, tinham se mudado para Salem na mesma estação; eles travavam relações na aldeia enquanto em Boston Martha atirava livros na cabeça de Cotton Mather, e em 1692 Parris deve ter pensado nos Goodwin; conhecia todos os detalhes das dificuldades dessa família pelo livro de Mather, *Memorable Providences Relating to Witchcraft and Possessions*. Os sintomas na casa da família Parris eram idênticos, só que mais agudos. Abigail e Betty gritavam que estavam sendo espetadas com agulhas finas, a pele delas queimava. Numa casa paroquial de dois andares que media 12,5 por seis metros, não havia como Parris deixar de ouvir os gritos. A família tinha também um menino de dez anos, Thomas Parris, e uma menina de quatro, Susannah, nenhum dos dois atingido.

Embora possuísse dois escravos indígenas, Tituba e John, a família tinha razão de se sentir sitiada em termos práticos e espirituais. Quando não estava cuidando do gado, do jardim ou da lareira, fazendo assados ou velas, a moça puritana devia tricotar, fiar ou tecer. As garotas perturbadas destruíam totalmente a rotina familiar e não se podia deixá-las sozinhas. Parris também não conseguia preparar o sermão no andar de cima. Os mais dotados de seus colegas dedicavam sete horas e muita concentração a essa atividade; outros empenhavam uma semana de estudo solitário, lendo e meditando sobre o assunto. Se um pastor puritano passava boa parte do tempo em silêncio, a provação de Parris agora era a oposta. Ele trabalhava ouvindo gritos lancinantes.

A casa paroquial recebia visitantes o tempo todo, e a partir de fevereiro ficou superlotada. A doença era um acontecimento público no século XVII; a doença inexplicável mais ainda. Curiosos se aglomeravam, arrepiados. Chegava a quarenta ou cinquenta o número de pessoas apertadas no quarto das enfermas, e o vizinho que não

aparecia era uma exceção. Outros viajavam quilômetros para sentar na saleta enfumaçada da casa dos Parris. Entre orações, entoavam salmos, como o fizera uma grande multidão na casa dos Goodwin. Às vezes eram brindados com mais do que esperavam; as meninas eram agressivas com os pastores e insolentes com os visitantes.

Arrolador e registrador por natureza, Samuel Parris era irritável e exigente, mas não agia com precipitação. Indícios da perturbação em sua casa se infiltravam nos sermões, que ele proferia uma vez na quinta-feira e duas no domingo. Eram falas pouco inspiradas, Parris não se afastava dos temas habituais, alongando-se na Ascensão de Cristo, na mediação entre Deus e o homem. Ao longo de fevereiro ele se dedicou ao jejum, à oração, e consultou colegas pastores. Seu primo e contemporâneo, o pastor de Milton, pode ter sido particularmente prestativo: suas filhas já haviam sofrido convulsões. Com sidra e bolos, Samuel e Elizabeth Parris recebiam as visitas que lotavam a casa e oravam arduamente. Mas quando o pastor se fartou de posturas estranhas e gestos malucos, quando ficou claro que as Escrituras não aliviariam os sintomas sobrenaturais das meninas, ele chamou os médicos.

Anos mais tarde, a prática da medicina em Boston seria considerada “perniciosamente má” por um médico formado na universidade.¹² Em 1692, nenhum médico formado chegara à cidade de Salem nem à minúscula aldeia vizinha também chamada Salem, onde as meninas se contorciam e rosnavam. O kit médico básico da época não diferia daquele da Grécia antiga: sangue de besouro, pulmão de raposa, coração de golfinho. As lesmas figuravam em muitos remédios. O médico mais bem informado das colônias na época defendia o uso de salitre para sarampo, dor de cabeça e ciática. A histeria havia sido catalogada bem antes de 1692, e um médico de Salem a tratava com infusão de leite humano e sangue da orelha amputada de um gato macho.

A aldeia de Salem tinha cerca de noventa famílias, e naquele janeiro possuía um médico praticante, William Griggs, novo na comunidade, tendo comprado uma fazenda perto da casa paroquial. Cidadão ativo, piedoso, ele possuía nove textos médicos, sabia ler, mas não escrever. Era o provável candidato a examinar as meninas. Anos antes fizera parte da congregação de Parris em Boston, e os dois eram chegados às mesmas famílias de Salem. Há pelo menos uma razão concreta para supor que Parris chamou o velho de 71 anos: o contágio também atingira a casa dos Griggs. Supunha-se que ataques prolongados e violentos eram enviados pelo diabo – a primeira pergunta que a vítima fazia nessas circunstâncias era “Estou enfeitado?”¹³ Todos que examinaram Abigail e Betty chegaram à mesma conclusão. Claramente a explicação sobrenatural era a que já estava nas ruas. A “mão do mal” foi o diagnóstico que “os vizinhos logo adotaram”, observou o reverendo John Hale, único cronista a registrar os primeiros beliscões e cutucadas nas meninas.¹⁴

Hale possuía alguma experiência na área, tendo em criança participado de uma delegação que visitou uma bruxa encarcerada no dia de sua execução, com a esperança de arrancar-lhe a confissão. A suspeita era uma vizinha, a primeira mulher a ser

enforcada em Massachusetts. Também falara com outra mulher acusada de bruxaria depois que suspenderam a sentença, em 1680. Oficiando na cidade próxima de Beverly, o simpático homem de 56 anos fazia parte do grupo de colegas mais próximos de Parris. Assim como quase todo mundo na Nova Inglaterra, ele acreditava em bruxas. Como recebeu o diagnóstico? Não deve ter se surpreendido, talvez até se sentisse aliviado. “Operações infernais”, termo que ele usou, dissipavam qualquer dúvida sobre a alma das meninas e o absolviam da responsabilidade.

Parris não fez nenhuma tentativa de recuar do drama celestial em que se encontrava; dava para vislumbrar o amor divino por trás do infortúnio. Em seu escritório, ele prosseguia meditando sobre o Salmo 110: Deus estava “zangado e enviava destruidores”, alertou. Era essencial perseverar, “evitar desmaios quando somos castigados”, combater bravamente “todos os nossos inimigos espirituais”.¹⁵ Era perversamente lisonjeiro ser escolhido para combater o mal, havia uma razão para os ataques seletivos. “Sou um homem muito atacado por Satã”, Cotton Mather observou, soando quase vaidoso. “Será porque muito fiz contra esse inimigo?”¹⁶ Uma pergunta devia assolar Parris: o que tinha feito para incitar a censura celestial? A casa de um ministro devia ser uma “escola de devoção”, não um “covil de diabos”.¹⁷

O que veio depois deixa claro como a aldeia recebeu o diagnóstico. Em 25 de fevereiro, Parris e a esposa viajaram. Talvez tenham pedido à vizinha, Mary Sibley, para cuidar de Abigail e Betty, que bramiam há mais de um mês. Mãe de cinco filhos, Mary estava no sexto mês de gravidez. Um dos casais mais ricos da comunidade, ela e o marido tanoeiro eram sustentáculos da igreja; Samuel Sibley era quem entrava em ação quando uma propriedade precisava ser arrumada ou um contrato garantido. Sua esposa sentia-se à vontade na casa dos Parris e preparou um experimento furtivo. A questão não era mais o que afligia as crianças, mas quem, e Mary estava decidida a pegar uma bruxa. Instruído por ela, John, o escravo indígena dos Parris, misturou urina das meninas num bolo de farinha de centeio, que Mary deu ao cachorro da família. É um tanto nebulosa a maneira como a contramagia funcionava, mas a velha receita inglesa decerto era eficaz.¹⁸

Parris ficou lívido quando soube do experimento. Não havia lugar para contramagia na paróquia, e ele continuava firme na intenção de que o flagelo não saísse de sua casa. Segundo o pastor, Mary Sibley enfrentara grandes perigos favorecendo a superstição, prática que Parris descrevia como “recorrer ao diabo para exorcizar o diabo”. A intromissão da moça liberara forças ocultas pouco compreendidas. Um mês depois, o pastor sitiado convocou-a para uma conversa e censurou-a severamente. Soluçando, Mary disse que tinha agido sem pensar, “a partir daquilo que ouvira de outras pessoas ignorantes”. No futuro seria mais cuidadosa. Parris leu para ela a rígida reprimenda que pretendia compartilhar com a congregação depois do sermão de domingo. “Por esse meio (ao que parece), o diabo ergueu-se entre nós”, anunciou ele antes da comunhão de 27 de março, “e sua fúria é veemente e terrível. Quando ele irá silenciar,

só Deus sabe.” Alertou os paroquianos contra “os ardis e manobras de Satã” e pediu que prestassem testemunho coletivo do malfeito de Mary Sibley, para “levar nossa irmã à profunda humilhação pelo que fez”.¹⁹ A expiação pública era essencial. Mary apresentou desculpas emocionadas, e Parris prosseguiu: “Irmãos, se estão com isso satisfeitos, demonstrem erguendo as mãos.” Todas as mãos (masculinas) se ergueram, no último consenso possível na igreja da aldeia em 1692.

Na casa paroquial, Parris censurou os criados também. Na época o pastor tinha questões mais importantes com que lidar. Sua sobrinha e sua filha faziam muito barulho, mas era impossível decifrar o que queriam dizer. O bolo operara sua magia diabólica; dias depois, Betty e Abigail começaram a mencionar nomes. Não uma, mas três bruxas estavam à solta em Salem, as meninas as viam perfeitamente. No final de fevereiro, em meio a chuvas torrenciais, as bruxas estavam voando montadas em seus galhos.

A ALDEIA DE SALEM devia sua existência em parte ao medo de emboscadas. Assentamento mais antigo da baía de Massachusetts e muito perto de ser a capital da Nova Inglaterra, a cidade de Salem recebera seu nome em 1629.²⁰ Boa comunidade florescente, com quase dois quilômetros de extensão, era um dos mais agradáveis locais da colônia. A cidade desfrutava um ativo comércio com a Europa e as Índias Ocidentais Britânicas. Construída numa península, abrigava prósperas indústrias pesqueiras e estaleiros. Mais sossegada e menos cosmopolita, era em tudo tão requintada quanto Boston.

Já em 1640 os fazendeiros começaram a se aventurar para o norte e o oeste, longe do porto próspero, em busca de terra mais arável. Seu assentamento tornou-se a aldeia de Salem (a moderna Danvers). Depressa esses aldeões começaram a reivindicar instituições próprias. As famílias não gostavam de fazer a viagem de quilômetros debaixo de neve para comparecer aos cultos, e havia também outras considerações. Fazia sentido se deslocar até a cidade de Salem para assumir seus turnos na sentinela militar? A partida dos fazendeiros enchia de terror o coração das esposas, “principalmente considerando as terríveis visitas indígenas (e de outros estranhos) nas horas noturnas, quando os maridos estavam ausentes”.²¹ Além disso, alegavam com inelutável lógica, não era profanar o Senhor viajar tão longe para vigiar uma cidade em tempo de paz? (A comunidade mais velha insistia no perigo; além do mais, seus líderes preferiam não reduzir a base de impostos nem seu território.) Certamente a cidade podia manter sua vigilância sem os aldeões. Não seria mais indicado o povo da cidade vigiar a aldeia, e não o contrário? Os fazendeiros venceram.

Os ânimos voltaram a se exaltar vários anos depois, quando a cidade de Salem se propôs construir uma igreja maior. Não vamos pagar por ela, anunciaram os aldeões, a menos que vocês nos ajudem a pagar uma igreja nossa. Eles pleiteavam uma paróquia independente e foram atendidos nos últimos dias de 1672. As duas Salem continuaram a se alfinetar, a aldeia porque era obrigada a apelar para a cidade em busca de aplicar

as leis, a cidade porque os aldeões eram incapazes de resolver suas disputas acerca de assuntos próprios. Pouco depois que a família Parris se instalou na casa paroquial, os líderes da cidade alertaram os aldeões para deixá-los em paz.

A aldeia contratou oficialmente seu primeiro pastor em 1672. Dezesesseis anos depois, com Samuel Parris, contratava o quarto. Cada qual se mostraria envolvido nos acontecimentos de 1692, quando seus caminhos se cruzaram: um deles seguia os processos, outro os registrava, um terceiro voltaria como bruxo poderoso. Formado recentemente em Harvard, James Bayley fez seu primeiro sermão em Salem em outubro de 1671. Tinha completado 22 anos e se casara semanas antes. A comunidade não foi unânime em aceitá-lo, Bayley não se mostrava qualificado: era agressivo, negligente, imaginava-se estável no posto. Um hóspede que passou três semanas em sua casa jurou perante a corte que nunca vira o pastor ler ou expor qualquer trecho das Escrituras à família, sua vida doméstica era tensa. Os fiéis tinham concordado em construir para ele uma casa paroquial, oferta que deixaram de cumprir. O pastor construiu sua própria casa e nela perdeu duas filhas antes de 1677. Nesse meio-tempo, a comunidade se dividiu quanto à presença de Bayley: 39 membros da igreja o apoiaram, dezesseis não, incluindo alguns dos homens mais influentes da comunidade.

A posição do pastor espelhava algo da aldeia de Salem. Junto com ele viera a irmã de sua esposa, de doze anos – que aos dezessete viria a se casar no temível clã Putnam, com Thomas Putnam Jr., filho do homem mais rico da aldeia e sobrinho do velho Nathaniel. Salem era em grande parte composta pela família Putnam, à qual tanto a impulsiva “boleira” Mary Sibley quanto William Griggs, o médico, se aparentavam por casamento. Os dois jovens casais – os Bayley e os Thomas Putnam – se tornaram próximos, mas isso não impediu que outros do clã atacassem Bayley. Samuel Parris sabia do que estava falando quando, numa tarde de domingo de 1692, pouco antes de o caos se instalar em sua casa, disse no púlpito: “Não é raro grandes ódios irromperem entre parentes próximos.”²²

Os fazendeiros de Salem levaram suas amargas alegações e seus implacáveis ressentimentos à igreja-mãe em Salem e enfim ao tribunal. Bayley deu queixa por difamação. A corte decidiu a seu favor e determinou que continuasse no posto, mas, embora a maioria dos paroquianos o apoiasse, no final de 1679 ele entendeu que não tinha futuro em Salem e mudou-se para o outro lado da aldeia. Em um ano, o comitê formado para nomear seu sucessor escolheu George Burroughs, homem bonito, baixinho e que, embora mais velho, cursara Harvard logo depois de Bayley e ali obtivera seu diploma de mestre. Neto de um pastor eminente, Burroughs servira em várias paróquias de fronteira, e na última suportara heroicamente um ataque indígena.

Mais uma vez os Putnam desempenharam papel crucial. Burroughs e a família viveram com a família Putnam durante grande parte de 1681, mudando-se para a casa paroquial – futuro endereço dos Parris – apenas no outono. Côncio dos choques e decepções que afetavam os pastores da Nova Inglaterra, Burroughs acrescentou uma

cláusula de arbitragem em seu contrato: “Em caso de surgir alguma divergência no futuro, ambas as partes irão se submeter ao Conselho para uma solução pacífica.”²³ Mesmo assim ele acabou no tribunal. Não recolhiam seu salário, e quando sua jovem esposa morreu ele não tinha como custear o funeral. Em 10 de abril de 1683, os aldeões reclamaram na corte do condado que Burroughs não pregava havia um mês. Ele estava se preparando para partir na mesma semana, mas recusou-se a dar explicação. (A relutância talvez tivesse algo a ver com o fato de John Putnam ter lhe emprestado dinheiro, depois ameaçado mandar prendê-lo por dívida, quando ele não o reembolsou. A culpa era da aldeia em ambos os casos, por ter negligenciado o pagamento de Burroughs.)

Em fevereiro de 1684, o comitê da igreja da cidade de Salem levou o reverendo Deodat Lawson à aldeia. Ao contrário dos predecessores, Lawson era inglês. Chegara à colônia cinco anos antes, vindo de Norfolk, onde o pai era pastor e professor em Cambridge. Destinado desde o nascimento à vida religiosa, havia recebido educação formal em algum lugar, embora não tivesse diploma. Escrevia com facilidade em latim e grego e gozava de algumas ligações com famílias socialmente prestigiosas de Londres. Tendo servido menos de dois dos sete anos de praxe como pastor em Martha’s Vineyard, Lawson retomou as atividades seculares em 1682, em Boston. Com a esposa e dois filhos pequenos, instalou-se em Salem. Estava então com trinta e poucos anos. Um terceiro filho, uma menina, nasceu e morreu na aldeia, onde Lawson repentinamente perdeu a esposa. Podia ser pragmático, valorizava a oração familiar, contanto que não fosse tediosa. Ele forneceu um relato contemporâneo dos acontecimentos de 1692.²⁴

Os aldeões votaram por entregar lenha ao novo ministro, mas acabaram lhe dando dinheiro para que se abastecesse sozinho. Se essa resolução o magoou, Lawson não deixou registro. Depois de dois anos de serviço, seu futuro dividiu a comunidade. Se fosse ordenado, Salem teria uma igreja oficial, mas renunciaria à terra onde se encontrava a paróquia. Os Putnam defendiam a ordenação, à qual diversas outras famílias se opunham. Mais uma vez os fazendeiros submeteram a questão por escrito às cabeças mais frias da cidade, onde as autoridades se declararam preocupadas com um suprimento tão vasto de “expressões pouco caritativas”, “preconceito arraigado e declarada animosidade”. Por que insistiam em atormentar uns aos outros? Foi nessa conjuntura que os patriarcas da cidade pediram mais uma vez que não fossem perturbados com as recriminações dos aldeões. “Se querem insensatamente se perturbar, imploramos que não nos perturbem mais.”²⁵ Lawson optou por ir embora antes que as relações se deteriorassem por completo. Os aldeões votaram por expurgar o livro de registros da paróquia – que Thomas Putnam retomou em 1687 –, omitindo a década de anotações de Burroughs e Bayley. Achavam que as atas tóxicas podiam ser prejudiciais no futuro.

Sem uma igreja independente e nenhuma autoridade civil própria, a aldeia se via aleijada quando se tratava de acertar diferenças comunitárias, e a política eclesiástica

tornou-se muito conturbada. As relações entre o pastor e seu rebanho ora se mostravam litigiosas, ora cordiais, e vários clérigos inseriam cláusulas de desistência nos contratos. Increase Mather, o pastor mais eminente da Nova Inglaterra e ilustre pai de Cotton, admitiu que era livre para deixar a paróquia de Boston se o Senhor o chamasse a outro lugar, se o pagamento fosse insuficiente ou se sofresse “perseguição”.

Os salários de pastor variavam de sessenta a cem libras por ano, mais que o suficiente – o montante colocava-o entre a classe mais alta de paroquianos – se fosse coletado. Contribuições voluntárias deram lugar às compulsórias, das quais muitos paroquianos se ressentiam, e o coletor tinha de fugir de machados e baldes de água. A relutância dos habitantes em sustentar o clero os desmoralizava; Mather iria trovejar, em 1693, dizendo que os pastores sentiam-se enganados e famintos. Na recriminação mútua, era difícil dizer o que vinha primeiro, se a dificuldade em coletar o salário do pastor ou conseguir do púlpito aquilo pelo qual se pagava. O que parecia ingratidão para um lado para o outro parecia extorsão.

Os paroquianos contribuía para o salário do pastor com o que estava à mão: um balde de ostras, uma peça de linho, um favo de mel. Também pagavam com trabalho, plantando o feijão do pastor ou abatendo uma vaca. Isso deixava bem tênues as linhas de comando. Como diz um estudioso atual, havia certa confusão quanto ao pastor ser empregado da congregação, companheiro espiritual ou representante de “alguma galáxia eclesiástica nebulosa e distante”.²⁶

Mesmo protestando contra a bárbara miséria dos clérigos, Cotton Mather admitia, no pedido de pensão, que incluía trechos que “podiam tornar os pastores em si pessoas mais merecedoras do que talvez sejam”.²⁷ Embora com excesso de pastores, havia muita pregação medíocre e muita gente dormindo nos bancos. O puritano era imensamente alerta e vigilante quanto ao estado de sua alma, mas não durante o culto. Alguns “sentavam e dormiam mesmo com a melhor pregação do mundo”, comentou Increase Mather.²⁸ Sem dúvida alguns dormiram também naquele sermão de 1682. (é justo dizer que talvez não houvesse melhor lugar para um fazendeiro da Nova Inglaterra descansar, já que tinha poucas oportunidades de fazê-lo.) Mary Rowlandson, cujo relato de seu cativeiro pelos indígenas em 1675 eletrizou a Nova Inglaterra, de vez em quando cochilava durante a pregação do marido.

Quando estava há dois meses no posto, Samuel Parris reclamou da inércia dos paroquianos. Ralhou com eles por “cochichos desnecessários”. Embora observasse “olhadelas de um lado e outro”, não mencionou as nozes que voavam das galerias, os risos, flertes e intrigas. O sermão, parte central da semana, representava a pedra de toque social e espiritual da comunidade. Único meio regular de compartilhar a comunicação, servia também a propósitos educacionais e jornalísticos. Ao longo de uma vida, o frequentador médio da igreja na Nova Inglaterra absorvia cerca de 1.500 horas de sermão.

SAMUEL PARRIS FEZ seu primeiro sermão em Salem em novembro de 1689. Ele chegara à aldeia com pouca experiência pastoral. Nascido em 1653, na Inglaterra, passou grande parte da juventude em Barbados, onde sua família prosperou plantando e comerciando. Embora o ministério religioso pudesse ser a profissão escolhida por Parris – ele frequentou Harvard durante vários anos, mas abandonou os estudos em 1673, com a morte do pai –, sua base era nos negócios. Aos vinte anos, tendo herdado a plantação e setenta escravos, voltou a Barbados, mas saiu-se só medianamente, lutando para manter a propriedade de setenta hectares e a generosa herança de um tio. Dentro de poucos anos vendeu a propriedade com prejuízo. Nos anos 1680 reapareceu em Boston, onde se instalou como comerciante com as Índias Ocidentais Britânicas. Casou-se, progrediu, mas embora Massachusetts oferecesse um clima econômico mais favorável que Barbados, sua carreira foi incerta. Acabou se acostumando às confusões financeiras. As oportunidades apareciam regularmente em seu caminho, e todas o atropelavam.²⁹

Quando a delegação de Salem o encontrou em 1688, Parris era membro da Primeira Igreja de Boston e pai de três filhos. Não se sabe como ou por que tomou a decisão de assumir o ministério religioso – em geral os clérigos deixavam o púlpito por interesses mercantis, não o contrário. Antes ele se considerava comerciante e cavalheiro, a ponto de mandar pintar seu retrato em miniatura. Quase bonito, com traços firmes, cabelos escuros e boca voluptuosa, possuía um ar distinto. Ele é o único aldeão cujo rosto se conhece. Feita a proposta de Salem, Parris empacou. “O trabalho era pesado”, explicou.³⁰ Os fazendeiros conheceriam sua decisão no momento certo. Tinha razão para hesitar, mesmo que não conhecesse a história de Salem, o que era improvável. Seu predecessor imediato, Deodat Lawson, era membro da mesma congregação que ele em Boston, e os dois tinham amigos em comum. A prolongada corte feita a Parris, candidato relutante e sem diploma numa época em que mestres de Harvard não conseguiam encontrar púlpitos, revela tanto sobre a aldeia de Salem quanto sobre seu futuro pastor. Nenhum dos dois se qualificava como primeira opção do outro.

Quando a negociação começou, ela foi longa e árdua. Mesmo não demonstrando grande aptidão para o comércio, Parris gostava de negociar. Aos trinta anos, era mais experimentado que os pastores que Salem esgotara antes dele. Tinha visto mais do mundo, no entanto possuía experiência limitada da vida no interior, naquilo que chamaria de “esta pobre aldeiazinha”.³¹ Cidade movimentada, com cerca de 8 mil habitantes, a Boston puritana impressionava em comparação com a rústica Salem. A aldeia apresentou sua melhor oferta, inteiramente ajustada aos gastos da época. Negociador firme, Parris não se deixou impressionar. Qualificando os termos de “mais desencorajadores que encorajadores”, respondeu com oito condições.³² A mais onerosa referia-se à lenha. Se a batalha de um pastor pelo respeito a seu posto se traduzia na discussão salarial, a batalha por lenha servia como ponto de combustão. Seu fornecimento sobrecarregava a comunidade.

*image
not
available*

fora, e ela ameaçou o casal. Naquele inverno o gado deles começou a morrer sem explicação. Ao saber do infortúnio, Sarah jurou que não se importava se perdessem todas as reses. Quando outro aldeão se recusou a recebê-la em casa por temor de que a moça estivesse com varíola, ela o xingou e amaldiçoou. Na manhã seguinte a vaca da família morreu “de uma estranha maneira repentina”.² O próprio irmão do subxerife George Herrick tinha mandado a resmungona embora quando ela foi procurar abrigo. Sarah prometeu que os Herrick iam pagar pela falta de hospitalidade. Várias das vacas premiadas da família acabaram sumindo. As três famílias logo teriam motivos para lembrar esses encontros pouco auspiciosos.

O delegado entregou Sarah Good às dez horas da manhã de 1º de março na hospedaria, ou taverna Ingersoll, onde o interrogatório teria lugar. Se a aldeia tinha um núcleo, esse núcleo era a Ingersoll e poucas ausências se notaram naquela manhã. Martha Corey, a idônea vizinha de Sarah Good, preferiu não comparecer. Em vão tentou deter o marido, porém Giles Corey não perdeu um minuto das investigações. Quando os juízes da cidade chegaram, ficou claro que a taverna não conseguiria acomodar a multidão, e mudaram o inquérito para a austera igreja da aldeia, agora mais escura depois de anos de negligência. No ar febril daquela terça-feira, as regras usuais e toda hierarquia evaporaram; nas semanas seguintes, inibições, obrigações e toques de recolher seriam suspensos. Os fazendeiros conheciam muito bem seus lugares nos bancos de tábua – entre as questões em conflito, o lugar na igreja era algo quase mortal, determinado por um algoritmo de idade, classe e riqueza que feria o ego e muitas vezes era contestado. Mas naquela manhã não se sentaram neles.

A uma mesa diante do púlpito sentavam os juízes de paz Jonathan Corwin e John Hathorne. Muito respeitados, estavam entre os homens mais importantes da cidade de Salem. Especulador de terras bem-sucedido e sagaz capitão de milícia, Hathorne morava numa bela mansão. Tão hábil e áspero interrogador quanto fora seu pai, ele estava em atividade desde 1684. Era pai de seis filhos, mas não tinha experiência com meninas adolescentes. Corwin era proprietário de serrarias, muitas em sociedade com Hathorne. Filho de um dos comerciantes mais ricos de Salem, herdara uma fortuna e se casara com outra. Os juízes eram amigos, ambos na casa dos cinquenta anos, e parentes por afinidade. Viviam perto um do outro e participavam da igreja da cidade de Salem, onde Hathorne ocupava posição de liderança. Embora nenhum dos dois tivesse formação em lei – homens com formação jurídica não imigravam para as colônias, onde não havia escola de Direito –, ambos conheciam muito bem a comunidade. Hathorne havia participado do comitê que cinco anos antes insistira com os aldeões para que poupassem a cidade de suas animosidades e dedicara horas julgando as disputas da família Putnam. Os dois, sem dúvida aliviados, tinham comparecido à ordenação de Parris, e Corwin resgatara do frio a família do pastor com uma entrega emergencial de lenha em outubro.

*image
not
available*

Como Tituba conseguira viajar? “Monto numa vara ou galho, com Sarah Good e Sarah Osborne atrás de mim”, confessou. Ela esclareceu também alguns outros mistérios. O lobo que perseguira Elizabeth Hubbard era Sarah Good. A criatura peluda com asas e nariz comprido se aquecendo na lareira dos Parris era Sarah Osborne. Tituba não economizava detalhes nem deixava de responder a nenhuma das perguntas. Ali estava uma performance durante a qual ninguém dormiu. Só no final do testemunho as meninas recomeçaram as convulsões. “Você vê quem está atormentando as crianças agora?”, perguntou Hathorne. Era Sarah Good, garantiu Tituba, e em seguida não conseguiu pronunciar uma sílaba a mais. “Agora estou cega, não consigo enxergar”, protestou, antes que o inquérito de 1º de março se encerrasse com uma oração.

NO FIM DA TARDE, Tituba e Sarah Osborne foram trancadas na cadeia de Salem. Tinha sido um dia nervoso para os envolvidos. Questões mais prosaicas seguiram-se à partida dos juízes. Foi convocada uma reunião da municipalidade: os aldeões ainda questionavam suas obrigações com a cidade de Salem, e as diferenças eram inconciliáveis. Os fazendeiros encaminharam à corte uma petição de autonomia completa e votaram por rejeitar a oferta de permutar a manutenção das estradas pelo apoio aos pobres da aldeia.

Nessa noite, depois que escureceu, um barulho persistente assustou um tanoeiro e um trabalhador da aldeia. Ao se aproximarem, William Allen e John Hughes descobriram uma fera “estranha e fora do comum”. Quando chegaram perto, ela se dissolveu no luar prateado; duas ou três mulheres se materializaram em seu lugar e voaram depressa. Mais ou menos ao mesmo tempo, Elizabeth Hubbard se levantou na casa dos Griggs. “Sarah Good está parada ao lado da mesa, perto do senhor!”, ela gritou para Samuel Sibley, marido de Mary. Sarah estava descalça, com pernas e peito nus. Sibley bateu com a bengala no braço do espectro. O relato de Elizabeth foi facilmente corroborado. O subxerife Herrick detivera Sarah Good em sua fazenda, à noite, para levá-la no dia seguinte à cadeia de Ipswich. De alguma forma, a irascível prisioneira conseguira escapar dos guardas com o filho, deixando para trás sapatos e meias. De manhã, a esposa de Herrick notou lacerações no braço de Sarah, dos cotovelos ao pulso. Não havia sinal de sangue na noite anterior. Evidentemente os golpes de Sibley a haviam atingido.

O assistente de Herrick ficou contente de entregar a suspeita, depois de uma viagem muito difícil. Sarah Good cavalgava numa almofada atrás de sua sela e por três vezes saltou do cavalo tentando fugir. Não era bruxa, gritava, eles tinham apenas a palavra de Tituba. Era absurdo acreditar numa escrava de fala mansa. Ela xingou os magistrados e tentou se matar. Na quarta-feira, 2 de março, as autoridades a trancafiaram na cadeia de Ipswich, local insalubre até para os padrões de Sarah. À noite John Hughes esteve na casa dos Sibley e, quando partiu, foi seguido durante

*image
not
available*

propor pactos satânicos, mais populares na Escócia que na Inglaterra. Não se podia vender a alma antes de se estabelecer que temos alma.

A bruxa tal como concebida em Salem se materializara no século XIII, quando bruxaria e heresia se tornaram mais próximas. Em 1326, o papa João XXII encarregou seus inquisidores de limpar a terra de adoradores do diabo; os dois séculos seguintes mostraram-se transformadores. Quando não eram queimadas vivas, as bruxas adotavam duas práticas sob a Inquisição. Em sua encarnação europeia, participavam de lúgubres orgias, cujos elementos tomaram forma no começo do século XV, nos Alpes ocidentais. Ao mesmo tempo, provavelmente na Alemanha, elas começaram a voar, às vezes numa vassoura. Depois tornaram-se mulheres, tidas como mais suscetíveis aos avanços satânicos, mais malvadas por natureza. O mais leviano volume sobre o assunto, o *Malleus Maleficarum*, ou *Martelo das feiticeiras*, invocava uma profusão de autoridades clássicas para comprovar o que dizia: “Quando uma mulher pensa sozinha, ela pensa uma maldade.” Fraca como era diante de tentações diabólicas, a mulher podia emergir perigosa e dominadora. De acordo com o indispensável *Malleus*, mesmo na ausência de poder oculto, as mulheres eram “um antagonista da amizade, um castigo inescapável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico”.

O século XV – o século de Joana d’Arc – introduziu a grande disputa entre Cristo e o diabo. O todo-poderoso Deus da Reforma exigia um inimigo todo-poderoso – e a bruxa pegou carona. Por razões que pareciam evidentes, o diabo não podia realizar sem ela o que Lawson chamou de “operações venenosas”. Perseguições frenéticas começaram no final do século XV com a publicação do *Malleus*; a literatura sobre bruxaria e as perseguições caminhavam de mãos dadas. E embora a adoração a Satã fosse uma acusação útil para nivelar qualquer seita religiosa rival – católicos atacavam protestantes com o mesmo vigor com que os protestantes revidavam –, todos concordavam na perseguição às bruxas.¹² Por seu lado, elas eram perfeitamente ecumênicas. Frequentavam paróquias católicas, protestantes, luteranas e calvinistas. Só o exorcismo continuou a ser monopólio católico. Tampouco tinham as bruxas um endereço preferido. Não eram particularmente inglesas nem só europeias.

Quanto ao país que mais se empenhou na caça às bruxas, a disputa é feroz. A Alemanha demorou a perseguir, mas depois se tornou fanática. Um inquisidor da Lorena gabava-se de ter livrado a terra de novecentas bruxas em quinze anos. Um italiano o superou com mil mortes em um ano. Uma cidade alemã conseguiu quatrocentas num único dia. Entre 1580 e 1680, a Grã-Bretanha livrou-se de não menos que 4 mil bruxas. Vários anos depois de Salem, ao menos cinco acusadas de bruxaria morreram na Escócia. O condado de Essex, na Inglaterra, de onde vinham muitos dos colonos da baía de Massachusetts, mostrou-se especialmente propenso à perseguição.¹³

A bruxa fez a viagem da Inglaterra para a América do Norte em grande parte intacta. Com ela chegaram os duendes anglo-saxões. Os aspectos contratuais – a marca

*image
not
available*

Apocalipse previa que ele viria acompanhado por seus “espíritos infernais” – há muito Mather esperava o Apocalipse, iminente na Nova Inglaterra desde os anos 1650.²³ O diabo ganhou uma promoção em 1692, ele se tornou um conspirador megalomaniaco batalhando para subverter o reino de Deus, feito que jamais havia tentado em Massachusetts.

No momento em que as bruxas alçavam voo em Massachusetts se exauria a febre das bruxas na Europa. A Holanda aboliu as acusações em 1610, Genebra, em 1632, Luís XIV da França descartou todos os casos de bruxaria cinquenta anos depois, embora vários pastores de gado tenham sido queimados em 1691. Na época de Robert Boyle, Isaac Newton e John Locke (todos acreditavam em bruxaria), os processos haviam chegado ao fim no continente europeu. Circulava certo número de textos negando as bruxas, embora não se pudesse ler uma página cética sobre o assunto em Boston antes de 1692. A fé e uma imprensa estritamente controlada ilhavam o colono de Massachusetts. O que se podia ler ali eram as tiradas de Cotton Mather contra os que duvidavam.

TODOS OS PASTORES de Massachusetts concordavam que a oração era o único remédio poderoso e eficaz contra o diabo. E foi à oração que Parris se dedicou em 1692. Massachusetts havia realizado jejuns coletivos contra a bruxaria já em 1651, e Parris convocou a uma série deles na aldeia e em congregações próximas. Na sexta-feira, 11 de março, um grupo de pastores se reuniu na casa paroquial para um dia de devoções. As meninas ficaram bastante quietas, mas, no fim de cada oração, observou Hale (ele próprio pai de três crianças de menos de sete anos), “agiam e falavam de modo estranho e ridículo”.²⁴ A loura Abigail Williams, a mais severamente afligida, entrou em crise, e Parris resolveu afastar as meninas. Alojaram Betty com Stephen Sewall, o escriturário da cidade que logo passaria a controlar meninas convulsas dia e noite. Os Sewall tinham três filhos com menos de quatro anos, e as crises de Betty persistiram, deixando seus anfitriões desanimados. No mesmo mês, o “homem negro e grande” de que Tituba falara fez-lhe uma visita, oferecendo-lhe tudo que desejasse.²⁵ Assim era o diabo, explicou a sra. Sewall, ela própria filha de pastor. Se ele voltasse, a menina devia dizer-lhe que era um rematado mentiroso.

Na aldeia só se falava em bruxaria; o dia começava com um relato do que acontecera à noite e de como as afligidas tinham passado. Entre o momento em que o carcereiro de Boston acorrentou as três suspeitas de Salem e o dia 12 de março, um novo espectro começou a beliscar Ann Putnam, filha. Seu pai, abalado, recorreu ao irmão, Edward Putnam, e a Ezekiel Cheever, que servia como relator na corte. Diácono da igreja, Edward Putnam se associara às primeiras acusações de bruxaria. Nessa manhã de sábado, os dois resolveram convocar a nova atormentadora de Ann. Ela era membro da igreja, com boa reputação. Antes de cavalgarem para o sul, os homens pararam na fazenda de Putnam para falar com Ann. Será que a menina não teria se

*image
not
available*

4. Um de vocês é um diabo

Dois erros: 1. Tomar tudo literalmente. 2. Tomar tudo espiritualmente.¹

BLAISE PASCAL

DEODAT LAWSON, o pastor anterior da aldeia, foi o primeiro a tentar encontrar sentido nas coisas. Ele chegou a Salem no fim da tarde de 19 de março, horas depois de se expedir a ordem de prisão de Martha Corey, e ficou pouco mais de uma semana. Instalado em Boston, Lawson auxiliava Parris e frequentava a casa dos pastores importantes, inclusive Cotton Mather. Estivera afastado durante quatro anos, mas conhecia todos os aldeões, seus afetos e antipatias; não fosse pela animosidade e a rabugice da população, ainda estaria lá. O que ele viu o deixou perplexo. Quando pôs no papel seu relato admirado, três semanas depois, a infestação de Salem podia legitimamente ser considerada “uma história tão rara como talvez não tenha havido outra naquela era”.²

Lawson não teria voltado à aldeia sem um convite expresso de Parris, sobrecarregado e oprimido tanto no púlpito quanto fora dele. O pastor continuava sem receber seu salário, e, consumido pelas necessidades da família abalada e as longas horas no tribunal, parecia lutar para conter um incêndio com um balde. Relatos sobre as aflições de Salem logo chegaram a Lawson, mais ainda por terem emergido em sua antiga casa. A descida do diabo já era comentada em Boston. Aquela era uma visita bem-vinda na comunidade fragmentada, à qual o pastor dizia ter voltado por se preocupar com os amigos. Ele tivera uma formação médica rudimentar na Inglaterra, onde vinte anos antes servira como médico real. Sob muitos aspectos, era o homem certo para a missão, e além disso tinha um incentivo pessoal: uma das primeiras vítimas dissera que a bruxaria havia levado sua esposa e a filha pequena em 1689; seus fantasmas flutuavam por ali, exigindo vingança.

Naquele sábado, Lawson chegou à hospedaria e taverna de Nathaniel Ingersoll e, mal havia pousado as malas, recebeu a visita de Mary Walcott, filha de um capitão de milícia da aldeia. Vizinho dos Parris e dos Putnam, Jonathan Walcott fora diácono de Lawson. Mary Sibley, que fizera o bolo de bruxa, era tia de Mary Walcott, como também Ann Putnam, mãe, na casa de quem a jovem de dezesseis anos morava. Mary conversou com o pastor e, quando se voltou para sair, ficou paralisada à porta. Fora mordida! Lawson examinou Mary e encontrou marcas de dentadas em seu pulso.

No começo da noite, o antigo pastor atravessou a rua da casa paroquial em companhia da esposa de Ingersoll. A oração do sábado já devia ter começado na saleta

*image
not
available*

Eles chegaram à espaçosa casa dos Nurse e encontraram a velha Rebecca, de 71 anos, acamada. Não se aventurava a sair havia mais de uma semana, mas garantia aos visitantes que só se sentia mais próxima de Deus em sua enfermidade. Ela perguntou imediatamente sobre as meninas convulsas, em particular as dos Parris, seus vizinhos mais próximos. Não fora à casa paroquial, sentia-se relapsa, mas tinha suas razões: sofrera crises quando jovem, temia que elas voltassem, explicou. Com delicadeza, os visitantes deram a notícia: ela fora mencionada. A velha ficou muda de perplexidade. Por fim, declarou que era “tão inocente quanto um recém-nascido”, e os visitantes partiram.

Se pretendia limpar o nome de Rebecca Nurse, a delegação encontrou problemas. No dia seguinte o reverendo Lawson visitou Ann Putnam, mãe. Encontrou-a de cama, cercada de visitas. Ann ficou especialmente satisfeita por encontrar seu antigo pastor, de quem gostava bastante. Marido e mulher pediram que Lawson orasse com eles, porém logo Ann entrou em crise. No final da oração, o marido tentou levantá-la, mas ela estava tão rígida que não conseguiu se sentar. Ann continuou a tremer enquanto discutia com Rebecca Nurse, que só ela enxergava. Ela sabia o que Rebecca queria, mas não ia ceder, e em transe debatia com ela sobre o Juízo Final. Finalmente desafiou Rebecca a ouvir a leitura do terceiro capítulo do Apocalipse e pediu ajuda a Lawson. Ele hesitou, sentindo-se fora de seu território, alarmado pelas forças em jogo, apreensivo em liberar outras forças.⁷ Contudo, observando a amiga angustiada em luta, resolveu se arriscar. Antes de chegar ao fim do primeiro versículo os olhos de Ann Putnam se abriram. Os textos bíblicos que recitava em suas crises traziam-lhe alívio imediato. Da cidade de Salem foram expedidos mandados contra Rebecca Nurse e a menina Dorothy Good.

Às dez horas da manhã seguinte, a velha Rebecca Nurse estava diante de Hathorne e Corwin. Hathorne dirigiu-se primeiro à sobrinha de Parris e a Ann Putnam, filha. Será que as meninas podiam repetir as acusações? Abigail afirmou que Rebecca havia batido nela naquela manhã mesmo. Ann uivou. Hathorne convidou as outras a registrar suas queixas. “Você é uma pessoa inocente quanto a esta bruxaria?”, Hathorne perguntou a Rebecca. Antes que pudesse responder, Ann Putnam, mãe, gritou que a velha lhe havia apresentado o homem negro e tentara fazer com que ela desafiasse Deus! “Ah, Senhor, me ajude!”, exclamou Rebecca. Quando fez isso, as meninas começaram a se debater e a sufocar.

Na quinta-feira Hathorne foi mais generoso. Diante dele estava a mais improvável das suspeitas. Talvez Rebecca Nurse ainda não soubesse que era bruxa, ele mesmo admitiu que não entendia suas tênues aparições. A prova à sua frente, no entanto, era irrefutável. Tituba, que continuava a controlar o show da prisão de Boston, havia declarado que gostava de Betty Parris, embora a torturasse, pensou ele. Rebecca não tinha familiaridade com os espíritos? Assim como Martha Corey, não conseguia ver o homem negro a seu lado, nem os pássaros nas vigas, que as meninas apontavam. Como

*image
not
available*

“se divertir, tinham de se divertir com alguma coisa”.¹⁰ No mesmo dia, dois rapazes que tinham ajudado a cuidar das Putnam afirmaram ter ouvido a família pondo palavras na boca de Mercy Lewis.

Lawson voltou a Boston logo depois para escrever suas anotações sobre a descida do diabo. Ele perdeu o jejum de 31 de março, uma quinta-feira que os fazendeiros passaram rezando pelas afligidas. Ao longo do mês seguinte voaram acusações para todo lado e para fora da aldeia. Cinco bruxas foram acusadas em março. Em abril, 25 seriam apontadas. A audiência seguinte seria conduzida por um magistrado de Boston diante de uma grande multidão, na igreja mais confortável da cidade de Salem. Dentre as primeiras a serem presas estavam Sarah Cloyce e Elizabeth Procter.

O RELATO DE LAWSON sobre as bruxas de Salem foi publicado em 5 de abril, quase logo depois que ele terminou de escrever. A urgência na publicação não se devia apenas a um livreiro empreendedor, embora Benjamin Harris fosse exatamente isso. A pressa era uma tendência puritana, reflexo de um povo que amava a lógica, obcecado pela investigação das causas. As Escrituras forneciam a base para a legislação da Nova Inglaterra e serviam como texto fundamental; todas as respostas podiam ser encontradas ali. A pessoa se fortalecia, restaurava e aliviava com aquelas passagens conhecidas de todos; numa encruzilhada moral ou prática, podia-se abrir uma página ao acaso. Ao mesmo tempo, Deus era silencioso e inescrutável. Discernir sua vontade, decodificar seu propósito, era tarefa de vida do puritano, que lutava com um enigma terrível, impenetrável, no coração de sua fé: a pessoa era escolhida antes de nascer para a salvação ou a danação; a qual campo você pertencia?

Observar estava no cerne da atividade puritana, quer isso significasse examinar o céu, quer vasculhar a si mesmo, quer bisbilhotar os vizinhos. A palavra figurava em todas as convenções da igreja. O próprio pastor era um observador e vigia. Juntos, os paroquianos se reuniam em “observação sagrada” uns dos outros. Muito pouca coisa passava despercebida, tudo era supervisionado. Além de vigias de cerca e de trigo, cada comunidade mantinha uma equipe de vigilância entre os pagantes de dízimo. O vigilante monitorava famílias e tavernas, onde intervinha se a bebida corresse muito livremente; servia como coletor de impostos, guardião moral, guarda e informante. Questionava quem estivesse na rua depois das dez da noite, estimulava o catecismo em casa e confiscava nozes voadoras nos cultos. Estava sempre alerta contra os indígenas e os paroquianos desordeiros. A vigilância da cidade era ela própria vigiada duas vezes por semana. Nunca se podia ter certeza de nada, como bem sabia um povo inseguro.

A salvação dependia da virtude comum, e hesitar em identificar uma bruxa era equivalente a invocar o diabo. “Se o vizinho de um santo peca, então o santo peca também”, Mather lembrava aos paroquianos. O resultado era que você acabava conhecendo intimamente seu vizinho. Ninguém era monitorado tão de perto quanto as crianças, cujo bem-estar moral ainda não estava assegurado. A vigilância nem sempre

*image
not
available*

Thomas Maule, comerciante de Salem, tinha o hábito irritante de trabalhar aos sábados e exigir que seus criados o ajudassem (o que foi observado através da vitrine da loja). Em 1681, ele compareceu à corte por atacar a empregada. A moça cuspiu sangue durante duas semanas. Por que ele batera tão cruelmente nela, perguntaram, quando teria sido melhor vendê-la? “Porque ela é boa empregada”, explicou Maule, que suportou os acontecimentos de 1692 sem dizer uma palavra.²²

O que o tribunal nem sempre conseguia era entender o sentido das coisas. Às vezes, na insistente busca de razão, a melhor justificativa era do outro mundo. O mais eminente dos pastores da Nova Inglaterra apontou que às vezes o sobrenatural era a única explicação possível.²³ Com toda a certeza era a mais versátil. Se Sarah Good não provocara a morte daquelas cabeças de gado da aldeia, como explicar o fato? A bruxaria ligava as pontas soltas, justificando o que era arbitrário, estranho, hostil. Oferecia uma desculpa perfeita quando, literalmente, abriam-se as portas do inferno.

NINGUÉM VIVIA SOZINHO na aldeia de Salem. Mas de repente – depois do alarme de Deodat Lawson e do sermão inflamado de Parris – todos pareciam menos sozinhos que nunca. O pastor relatou que na noite de 6 de abril John Procter visitou a casa paroquial e atacou sua sobrinha. Fez o mesmo na casa dos Putnam. Na mesma quarta-feira, a vários quilômetros de distância, um fazendeiro chamado Ben Gould acordou e encontrou Giles e Martha Corey parados ao pé de sua cama. Eles voltaram na noite seguinte acompanhados de Procter. Gould foi o primeiro de uma série de homens jovens a servir de acusador. Homens agora praticavam bruxaria contra outros homens, embora em geral não atacassem na presença dos juízes nem se defendessem de espectros invisíveis em reuniões públicas, com uma notável exceção. O sermão de Parris em 10 de abril foi interrompido por John Indian, escravo da casa paroquial. John sabia que Tituba estava na prisão havia cinco semanas. A spectral Sarah Cloyce baixou sobre ele e cravou-lhe os dentes com tanta força que tirou sangue. Ela atacou a menina Abigail também. Depois do sermão, a empregada dos Putnam entrou em convulsão na Ingersoll. Quando voltou a si, não conseguiu identificar seu atacante. Repassaram uma lista de suspeitos, os mesmos nomes estavam na cabeça de todos. A bruxa tinha sido a anciã Rebecca Nurse? A empertigada Martha Corey? Sarah Cloyce parecia boa escolha, uma vez que haviam expedido seu mandado de prisão. A cerca de trinta quilômetros, em Boston, Cotton Mather exortou a congregação a despertar de seu sono pecaminoso, a estar vigilante contra o diabo e a esperar a vinda do Senhor, pois a “estupenda revolução” estava próxima.²⁴

As notícias dos acontecimentos sobrenaturais de Salem chegavam a Boston através de uma variedade de canais. Fosse porque Hathorne e Corwin sentiam que precisavam de reforços, fosse porque esses reforços seriam obrigados a investigar a curiosa questão eles próprios, ou porque, pela primeira vez, um suspeito homem ia depor, o fato é que o representante do governador, Thomas Danforth, foi a Salem conduzir o

culpado óbvio. Ele escapou por pouco da acusação porque provou que estava na cama aquela noite e processou John Procter por difamação.

Antigas pendências afloraram na audiência de 19 de abril. Giles Corey fez o possível para se livrar delas. “Qual de vocês viu esse homem machucar vocês?”, Hathorne perguntou. Quatro meninas deram um passo à frente. Corey negou as acusações, não fizera pacto com o diabo. Ele fechou a cara quando dos bancos vieram três relatos de que naquela manhã mesmo havia levado um susto no celeiro. “O que assustou você?”, Hathorne inquiriu. “Acho que nunca falei essa palavra”, disse Corey, lançando suas acusadoras ao paroxismo. “Não bastava ter se envolvido com bruxaria em outros tempos”, repreendeu Hathorne, “tem de fazer isso agora diante da autoridade?” Corey fez o possível para se explicar. Não tinha lembrança de ter se assustado no curral.

Nessa quinta-feira, outra suspeita, única das quatro a ter enfrentado antes uma acusação de bruxaria, mostrou-se mais desafiadora. Bridget Bishop devia estar na casa dos cinquenta anos, era moradora da cidade de Salem e tinha um passado de pequenos furtos. Ela e o ex-marido brigavam muito. Em 1677, havia comparecido em juízo porque chamara o marido de diabo velho no sabá – o casal já havia sido chicoteado oito anos antes pelo mesmo delito. Da segunda vez, antes foram amordaçados na praça do mercado. Logo em seguida o homem morreu em circunstâncias suspeitas.³⁰ Oito meses depois, em choque com os vizinhos e enteados, cheia de dívidas, Bridget enfrentou um processo por bruxaria. Um escravo conduzia cavalos em novembro quando os animais entraram em pânico e mergulharam num pântano congelado. Observadores atônitos declararam que os cavalos estavam enfeitiçados. Uma semana depois, o escravo entrou no celeiro e descobriu Bridget Bishop pendurada numa viga. Ela desapareceu quando ele pegou o forçado.

Essas visões – e as brigas dos Bishop – eram bem lembradas, tanto que seus acusadores ainda se referiam a ela como Bridget Oliver, sobrenome do primeiro marido. Segundo os relatos de Parris e Cheever, as meninas se agitavam a cada movimento de Bridget, que afirmou nada conhecer do diabo nem de suas acusadoras. Na verdade, não conhecia ninguém na sala, pois nunca morara na aldeia. Não sabia dizer o que perturbava as meninas nem tinha dado consentimento a nenhum mau espírito para assumir sua aparência. Não era bruxa nem sabia o que era uma bruxa. “Então, como sabe que não é bruxa?”, Hathorne contrapôs. Bridget se irritou. Se fosse bruxa, Hathorne ia conhecer seus poderes, respondeu. O interrogador tomou a resposta como uma ameaça.

Ao examinar Bridget na terça-feira, Hathorne topara com duas minas de ouro. Uma era a linda Mary Warren, cujas primeiras crises Procter havia resolvido a pancadas, e por isso os dois estavam envolvidos numa dura batalha. Mary colocara uma nota de gratidão na porta da igreja, prática comum na época, porque o lugar funcionava como quadro de avisos da comunidade. Os Procter ficaram furiosos com o anúncio da confusão em sua casa. Mary era uma moça impulsiva de vinte anos, dada a explosões

*image
not
available*

5. O bruxo

No terror de ver a figura e no terror da certeza de que ela não estava ali um momento antes, primeiro corri dela, depois corri para ela. E meu terror foi ainda maior quando descobri que não havia ali figura alguma.¹

CHARLES DICKENS

SE AS INSINUAÇÕES DE Thomas Putnam pareciam cifradas para os juízes, o suspense durou dois dias inteiros. John Hathorne já se mostrara receptivo a seu conteúdo, tendo ordenado novas prisões. Inúmeras discrepâncias haviam se apresentado ao longo das seis semanas anteriores, e ele passara por cima de todas. Quando veio à tona uma acusação improvável – em certo ponto alguém acusou a esposa do dr. Griggs –, ela evaporou. O homem alto de Boston mencionado por Tituba também desapareceu no caos. Ele voltaria sob a forma de um homem baixo do Maine.²

Hathorne não pôs as meninas em quarentena nem as entrevistou individualmente, como aconselhava o manual da lei. Não fez qualquer tentativa de comparar as marcas de mordida à arcada dentária, o que produziria resultados surpreendentes, de vez que uma das acusadas “não tinha na boca nem um dente”.³ Ele não questionou como as enfeitiçadas continuavam saudáveis – apesar da gravidade dos enforcamentos, mordidas, socos – e confiava nos relatos de visões espectrais. Via o surgimento da bruxaria do mesmo modo que Cotton Mather: a coisa era “controlada pela imaginação, embora não possa ser chamada de imaginária”.⁴ Quando as meninas se contradiziam, Hathorne fechava os olhos, descartando os fatos que não se encaixavam. Nem a acusação de Mary Warren, de que as meninas fingiam, o levou a duvidar. Todos os sinais indicavam um acusador obcecado, decidido a atingir certo objetivo.

Ao lado de Hathorne, em todos os inquéritos e interrogatórios, sentava-se o reverendo Nicholas Noyes, de 45 anos, poeta gordo e intransigente. Há dez anos em Salem, ele era uma boa companhia, vivaz e inteligente, dono da melhor biblioteca local, um marco de distinção em Massachusetts. Filho de um juiz do condado de Essex, o pastor sentia-se à vontade no tribunal. Era amigo dos Putnam e dos irmãos Sewall, e assumiu papel importante no processo: desafiava os suspeitos antes dos testemunhos, validava provas e oferecia opinião especializada. Noyes enfrentava qualquer suspeito que tentasse invocar as Escrituras em defesa própria. Nem ele nem Hathorne parecem ter se perguntado por que as crianças levadas pelo diabo jamais desapareciam de casa. Algumas coisas eram ilógicas. Por que, por exemplo, Tituba tinha voado para um encontro que acontecera em seu próprio quintal?

*image
not
available*

semiadolescente do interior, presa a uma paisagem esquálida, sujeita a tempestades, em que animais invadiam os quintais de vizinhos mesquinhos. No cinzento inverno da Nova Inglaterra, essas meninas sonhavam com viagens por reinos exóticos, em cores supersaturadas. Do exemplo de Tituba em diante, os testemunhos de Salem explodem com vigorosa intensidade: tudo era cor.

Aos doze e onze anos, respectivamente, Ann Putnam, filha, e Abigail Williams, sobrinha de Parris, eram as mais novas das que estavam sob o poder sobrenatural de Satã. Mercy Lewis, de dezenove anos, e Mary Warren, a criada dos Putnam, de vinte, estavam entre as mais velhas. As quatro não deixaram qualquer registro escrito, assim como nenhuma outra menina puritana. Embora soubessem escrever, não havia oportunidade, sempre a ordenhar, fiar, bater manteiga, capinar, lavar e fazer velas. Só na presença do diabo as meninas enunciavam seus desejos, que nos chegam através dos relatores do tribunal. Nos raros casos em que suas palavras chegaram a nós, a enfeitiçada falava em sintaxe e vocabulário alheios. A história não é rica de mulheres jovens rebeldes, com exceção de Joana d'Arc e algumas soberanas menores de idade, e é difícil apontar outro momento histórico tão dominado por virgens adolescentes, coorte tradicionalmente vulnerável, muda e destituída de direitos. Desde o começo, as meninas de Salem se fizeram ouvir, suas vozes se mostraram decisivas. Em abril, um núcleo de oito meninas assumiu dimensão oracular. Tremendo e se retorcendo, elas desempenhavam o papel de adivinhas, benzedeadas, autoridades morais, mártires de uma causa.

Qualquer pastor nos revela como era a menina puritana ideal: o amálgama cristalino de modéstia, piedade e trabalho incansável. Falava pouco e na hora certa, lia as Escrituras duas vezes ao dia. Seu pai era seu soberano e juiz, com autoridade absoluta. Ela o defendia como defenderia o homem com quem se casasse. O pai era o chefe da família, sua alma, seu governante. Muitas vezes era um homem ativo e dedicado, velava os doentes, preocupava-se com o corpo e a alma dos filhos. A maioria das meninas enfeitiçadas havia perdido os pais, quase sempre em ataques de indígenas. Isso as deixava instáveis quanto a casamento e herança, quando não famintas de atenção masculina.

Mães eram menos visíveis, embora também soberanas. Jovens que as desrespeitassem podiam “ir para o cadafalso e ser enforcadas para servir de comida a corvos e águias”, alertava Increase Mather. Apesar da ênfase na disciplina, havia muita ternura no século XVII. “Encantem as crianças da Nova Inglaterra com o temor a Deus”, insistia Cotton Mather, defensor da autoridade com doçura. Lawson também desencorajava a aspereza e o formalismo na criação dos filhos. Mais rígido que seu predecessor, até Parris condenava “golpes irados de punição”, recomendando “tapas de amor paterno”. Havia de fato um estatuto na Nova Inglaterra contra a desobediência aos pais.

deriva da terra-mãe, sempre censurados por insubordinação, os vulneráveis e intratáveis moradores da Nova Inglaterra lutavam para obter respeito, tentando combinar autonomia e exigências de uma autoridade incompreensível.

DE MANEIRAS VARIADAS, criados e filhos da casa absorviam as confidências familiares, disseminavam calúnias e perpetuavam desavenças entre vizinhos como forma de lealdade filial. Embora espancasse Mary Warren, John Procter também a consultou sobre um negócio de terras e reclamou com ela da esposa temperamental. As criadas sabiam onde se guardava dinheiro e quando não se dormia na cama. Também podiam ser um terror para as crianças. Na primavera de 1678, o reverendo John Hale descobriu que uma de suas empregadas lhe roubava farinha, joias, dinheiro. A esposa dele confrontou a moça, Margaret Lord, tão desafiadora que a sra. Hale achou melhor esconder as facas da cozinha. Durante a investigação, veio à tona que a menina Rebecca Hale, de doze anos, sabia que Margaret roubava. A criada ameaçara jogar Rebecca ao fogo se ela dissesse uma palavra; garantira que tinha um livro com o qual podia invocar o diabo e que mataria a menina. Maiores detalhes do terror vieram à luz em maio, quando uma das cúmplices de Margaret compareceu perante os magistrados de Salem acusada de bruxaria.

Pastores dirigiam sermões aos patrões, que deveriam dar ordens com humanidade, e a criados, a quem cabia obedecê-las com alegria. Quanto às criadas, se elas se comportassem bem, talvez fossem tratadas como filhas, coisa claramente desejável. Criadas e filhas atrevidas sufocavam sob a autoridade. Apesar da atenção paterna, do trabalho contínuo e do clima inóspito, as moças davam um jeito de se reunir na hospedaria local, onde os patrões iam buscá-las, ou onde elas chamavam a atenção de alguns homens casadouros. Dois dias depois de o carcereiro de Boston acorrentar Sarah Good, Sarah Osborne e Tituba, Plymouth aprovou por unanimidade a punição de seus filhos “muito dados a sensualidade, intemperança, dormir tarde, beber e jogar em tavernas”.²¹

As mulheres perturbavam a Nova Inglaterra desde a fundação, desempenhando papel estelar como hereges e rebeldes. A começar por Anne Hutchinson – a carismática líder religiosa que encorajava as mulheres a abandonar os sermões e questionava a doutrina da igreja –, elas expunham suas ideias e eram famosas por perturbar a paz. Em seu julgamento em 1640, Ann Hibbins leu um texto do Antigo Testamento que exortava os maridos a ouvir suas mulheres. Desafiando as ordens para deixar Massachusetts, Mary Dyer, uma quacre que tagarelava no culto, também seria enforcada. Um membro da igreja de Salem afirmou que ela esperava viver o suficiente para dilacerar a carne do pai do juiz Hathorne. A mulher da Nova Inglaterra não tinha direitos políticos, não votava nem participava de júris. Oficialmente sem voz, encontrava muitas maneiras de se fazer ouvir e demonstrava grande desejo de se expressar. Nos registros legais ela intimida, grita, zomba, xinga, intriga e cospe.

*image
not
available*

tola velha ignorante” incomodava, agora feiticeiros altamente educados e devotos, de ambos os sexos, perseguiram os colonos.

Menos de 24 horas depois do sermão, George Burroughs entrou na sala de vigas altas usando um sóbrio terno escuro e colete, mas sem a gola branca indicadora de sua profissão. Tendo pregado naquela igreja três vezes por semana por mais de dois anos, conhecia cada tábuca, e não devia guardar boas lembranças do prédio. Numa discussão acalorada ali, nove anos antes, ele e John Putnam haviam tentado acertar as contas. Putnam estimulava um nervoso guarda a extorquir pagamento de seu antigo hóspede, mas Burroughs o ignorou. Não tinha nada além de seu corpo com que acertar a dívida e lançou um desafio: “O que vai fazer comigo?” “Guarda”, ordenou John, “leve seu prisioneiro.” Ele deteve Burroughs na Ingersoll durante toda a noite. Por fim, o equilibrado estalajadeiro salvou a situação convencendo os Putnam de que a dívida havia sido paga. Burroughs nunca mais poderia pisar na igreja da aldeia.

Hathorne e Corwin abordaram o interrogatório de Burroughs em 1692 de modo diferente do que haviam feito antes. Tinham coligido testemunhos formais e estavam ladeados por dois outros juizes: Samuel Sewall, homem de quarenta anos, rosto redondo, olhos pequenos, lábios finos e uma cascata de cachos castanho-acinzentados, e William Stoughton, antigo vice-presidente de Massachusetts. A presença dos dois revelava a seriedade da situação. Também a tornava mais delicada. Burroughs e Sewall se conheciam de Harvard, e Sewall emprestara dinheiro a Burroughs. Tanto Hathorne quanto Corwin conheciam Burroughs de uma viagem ao Maine em 1690.

Neto do reitor do condado de Suffolk, educado em Cambridge, Burroughs cresceu em Maryland, para onde os pais haviam migrado. A família era pequena e itinerante. Filho único, George mudou-se com a mãe para Massachusetts e se filiou à igreja de Roxbury em 1657, enquanto o pai, comerciante marítimo, viajava pelo litoral. O rapaz formou-se em Harvard em 1670, e os pais voltaram para a Inglaterra, deixando-o sozinho. Inicialmente ele se instalou em Massachusetts, onde Sewall ia ouvir seus sermões até um ano e meio antes de julgá-lo. Em 1674 casou-se, trabalhou como professor e teve um filho. Logo depois aceitou um púlpito em Casco, próspero assentamento pouco menor que a aldeia de Salem. Não era um posto significativo, e irregularidades tendiam a se infiltrar na pregação, uma vez que os clérigos do Maine admitiam rebanhos heterogêneos. Numa baía grande, em meio a quilômetros de terras aráveis e pântanos, Burroughs pregava para anglicanos, batistas e puritanos, gente da fronteira, comerciantes e imigrantes recentes.²⁴ Mais ou menos na época em que ele se mudou para Roxbury, as cidades fronteiriças estavam submetidas à jurisdição de Massachusetts, trocando liberdade religiosa por proteção militar. Isso não as isentava de demandar recursos às autoridades provinciais. Massachusetts fornecia subsídios de má vontade e sem constância, embora grande parte da elite colonial, inclusive os juizes de Salem, tivesse grandes interesses financeiros nas indústrias pesqueira e madeireira

*image
not
available*

enterrado mais parentes que qualquer das outras meninas e cujo pai morrera meses antes – mencionou sua conversa com as duas esposas mortas. Burroughs apontou uma irregularidade: “Os senhores podem observar que quando elas começam a falar meu nome não conseguem completar” – mas submergiu na gritaria.

Seguiu-se um conjunto muito diferente de relatos incriminadores. Vários homens testemunharam sobre a lendária força de Burroughs, um homem pequeno, até “insignificante”.³¹ O pastor tinha erguido um barril de melaço com dois dedos e atirara com um enorme mosquete seguro em uma das mãos. “Nenhum de nós conseguia fazer o que ele fazia”, lembrou um tecelão de Salem.³² O que inspirara admiração na época agora parecia bruxaria. Muitos tinham ouvido de terceiros os relatos das façanhas de Burroughs, outros os escutaram diretamente dele. O homem demonstrava um talento tão prodigioso para se gabar quanto seu espectro, mas onde antes aumentara seus atributos, agora os diminuía. À espreita de suas palavras estava talvez a acusação mais pertinente: ele sobrevivera incólume a todos os ataques indígenas. Homem nada agradável, Burroughs unira comportamento abusivo em casa e feitos miraculosos fora dela. Todas as provas apontavam para a mesma conclusão: ele era um homem mau e um bom bruxo.

Embora tenha ido do inquérito diretamente para Boston, Burroughs continuou assombrando os trâmites da semana. Devia estar em viagem quando o desdentado e grisalho George Jacobs entrou na audiência no dia seguinte, o corpo curvado sobre um par de muletas. Ele tinha mais de setenta anos, talvez oitenta, era fazendeiro próspero de Salem, parecia apenas um velho vil. Diante dos interrogadores, riu e fez piadas. Quando os juízes apresentaram suas acusadoras, Jacobs convidou as meninas a falar. A sobrinha de Parris deu seu testemunho, e ele interrogou os interrogadores: “Suas senhorias acreditam que isso seja verdade?” Jacobs não recuava ante um desafio: admitiria a prática de bruxaria se conseguissem prová-la.

Assim como George Burroughs e o libertário John Procter, Jacobs fora severo com o criado, que ele provavelmente espancava. Um rapaz de dezesseis anos depois testemunhou que o velho ameaçara afogá-lo. A acusação tinha ressonâncias: uma geração antes, Jacobs havia sido processado por afogar cavalos encurralando-os no rio. (Ele alegava que tentava espantar os animais invasores de sua propriedade.) Ao longo dos dois dias de interrogatório veio à tona que o Jacobs spectral havia espancado as meninas com as muletas, e várias delas apresentaram alfinetes que o velho cravara em suas mãos. Sarah Churchill, uma ex-empregada, insistiu com Jacobs para que confessasse. “Você ouviu dizer que eu faço alguma bruxaria?”, ele perguntou encarando-a. “Sei que o senhor levou uma vida de maldade”, declarou Sarah, o que pareceu suficiente.

Jacobs não fazia a oração familiar – sabia-se que uma casa sem oração era assombrada –, e os magistrados acusaram o fazendeiro de negligência. Não rezava com a família, explicou Jacob, porque não sabia ler. Isso não era impedimento. “Sabe rezar o

*image
not
available*

Londres com trinta toneladas de prata. O montante alterou o futuro financeiro da Inglaterra, provocando o primeiro estouro da bolsa de valores e levando à fundação do Banco da Inglaterra. Numa época em que quinhentas libras eram uma pequena fortuna, a cota de Phips chegava a 11 mil libras.

Embora a conquista tenha lhe valido medalhas e um título, Phips nada fez para aprimorar seus modos. Continuava o rústico e esperto homem de fronteira que agia com força bruta, fanfarronice e espancamentos. Dez anos antes, policiais haviam tentado controlar os homens de Phips que faziam arruaça num bar de Boston. Ele os defendeu. Quando os policiais ameaçaram comunicar às autoridades, Phips trovejou: “Estou cagando para o governador, tenho mais poder que ele.”⁵ Seus palavrões impressionavam até os marinheiros veteranos, e a fortuna nada fez para mitigar seu apetite por propinas.

Era preciso muito para transformar o agitador aventureiro em anjo, mas o principal criador de mitos da Nova Inglaterra conseguiu fazê-lo, descrevendo a chegada de Phips a Boston como algo “caído do céu”. “Estamos esperando diariamente a chegada de sir William Phips”, observara Samuel Sewall, enquanto as meninas dos Parris estremeciam com as primeiras convulsões e semanas antes de o novo governador embarcar. A Carta que Phips trazia já tinha seis meses – meses que haviam esgotado Massachusetts, aquela “terra abalada, enfraquecida, arruinada”.⁶

Pode-se dizer que Phips estava sempre atrasado. Tendo aprendido a ler e escrever aos 22 anos, seu domínio dessas atividades era precário. Talvez não tenha conseguido nem decifrar seu próprio comissionamento de dezembro de 1691, estabelecendo-o governador por prerrogativa real. Em março de 1689 Phips correra de Londres a Boston para dar a notícia da Revolução Gloriosa na Inglaterra, pela qual Guilherme III, protestante, destronara Jaime II, católico. A bordo, ele bravateou que ia depor pessoalmente Andros, o injuriado governador real; ao chegar, descobriu que o feito fora realizado seis semanas antes. Um ano depois, Phips foi batizado por Cotton Mather, o que firmou seu futuro político. O rito tardio suscitou desconfiança, mas Mather explicou que não havia pastores disponíveis no Maine para realizá-lo.

Em 1690, Phips liderou uma expedição por terra e mar contra Quebec, capital do Canadá francês. Rumores de uma aliança entre os Abenaki e os franceses assombravam a Nova Inglaterra, e corria o boato de que o inimigo pretendia destruir todas as cidades da colônia. Phips já tivera sucesso contra um posto avançado francês na Nova Escócia – sucesso comprometido pelos saques que realizou. A expedição de 1690 foi planejada com precipitação e sofreu repetidos atrasos, e os franceses o saudaram com artilharia pesada. Ele sacrificou centenas de homens numa campanha cara, que Londres qualificou de “derrota vergonhosa e covarde”.⁷ Phips também participou da mudança da história financeira dos Estados Unidos: sem recursos para pagar aos soldados, a colônia começou a emitir dinheiro de papel, resultando numa inflação galopante. Com a economia em farrapos, a expectativa de retaliação francesa e o comércio paralisado,

*image
not
available*

jurou que Andros lhe dera um livro com a imagem da Virgem Maria. O odiado governador tencionava sacrificar os moradores a seus “adversários pagãos” e planejava derrubar todas as cidades da Nova Inglaterra, a começar por Boston.

No amanhecer de 23 de maio, Nathaniel Cary, rico capitão de navio de Charlestown, partiu para a aldeia de Salem com a esposa. O casal ouvira relatos perturbadores de que Elizabeth Cary, de quarenta e poucos anos, fora acusada de bruxaria. Eles achavam que resolveriam a questão com facilidade, porque as atingidas nunca tinham visto Elizabeth. Os juízes haviam reunido grande número de acusados na audiência daquela segunda-feira, e Cary, sentado em um lugar privilegiado na igreja, viu os oficiais conduzirem os prisioneiros até Hathorne e Corwin. Se os olhos dos acusados pousavam na direção das enfeitiçadas, elas gritavam. Quando se calavam, os juízes declaravam que elas tinham sido emudecidas. “Qual de vocês irá tocar a prisioneira no banco?”, perguntou Hathorne. As meninas vagavam livremente, aproximando-se várias vezes de Elizabeth para perguntar seu nome. A sala de tribunal improvisada era um lugar desorganizado. Ali no meio, Cary debateu seu dilema com John Hale, pastor de Beverly, seu conhecido há anos, que sugeriu uma entrevista particular com a acusadora de Elizabeth. Ele confiou a questão a Hale.

A denunciante de Elizabeth era Abigail Williams, e a entrevista prometida por Hale seria feita na Ingersoll, onde os Cary encontraram John Indian servindo às mesas. Nos dias de julgamento consumiam-se generosas quantidades de bebida, o que era uma bênção para a taberna. Em troca de uma caneca de sidra, John brindou os Cary com sua história, exibindo suas feridas. Na audiência anterior, os oficiais haviam amarrado as mãos de um suspeito com uma corda. Magicamente, as mãos de John mostravam as marcas de uma corda que cortava sua pele. No meio do relato, o bando de meninas entrou em fila “e despencou como porcos”, anotou Cary. Alguém chamou algumas mulheres para acalmá-las e elas gritaram em uníssono que Elizabeth Cary as atormentava! Instantaneamente surgiu um oficial trazendo um mandado de prisão. Com ou sem a conivência do reverendo Hale, os Cary haviam caído na armadilha.¹²

Tendo ido a Salem para limpar seu nome, Elizabeth Cary se viu sob interrogatório. Hathorne e Corwin instruíram a matrona de Charlestown a se levantar, com os braços bem abertos, o pescoço virado de lado, para não atormentar as meninas. Duas a acusavam, e a mulher explicou que nunca ouvira falar delas. A sala estava sufocante, Elizabeth sentia tonturas e Cary indagou se poderia apoiá-la, mas Hathorne vociferou que, “se ela tinha força suficiente para atormentar as pessoas, teria força para ficar de pé”. Quem havia de aparecer em seguida senão John Indian, rolando pelo chão, embora poucas horas antes bebesse sidra com Elizabeth, imune a seus poderes sobrenaturais? Hathorne perguntou-lhe quem o afligia, e John respondeu que Elizabeth estava em cima dele. O juiz então fez o teste de toque, agora em uso regular nas sessões, ordenando que Elizabeth tocasse o atingido, mas não olhasse para ele. John agarrou a matrona e jogou-a ao chão. O choque de ver sua mulher caída ao lado de um escravo

*image
not
available*

tribunais, oriundos de uma coorte de líderes locais. A experiência, mais que a imparcialidade, era sua recomendação; tinham um inestimável conhecimento da comunidade (eles não participariam de nenhum outro caso).¹⁵

Anglicano e com formação em direito, Thomas Newton era relativamente novo na colônia. Assim como Deodat Lawson, o antigo pastor da aldeia, era um homem viajado e também estava perplexo. Possivelmente por sua causa Hathorne testou de novo as acusadoras, arranjando para que John Alden comparecesse à audiência sem a companhia de guardas. O capitão do mar entrou na igreja da aldeia, a espada na cinta, e acomodou-se discretamente em meio à multidão. Hathorne então desafiou as meninas a identificar seu atormentador. Elas hesitaram e apontaram outro militar. Uma pequena ajuda dos adultos facilitou a identificação, como anotou Alden. (Ele deixou um relato de sua audiência, coisa que muitos não teriam oportunidade de fazer.) Mandaram que ele se adiantasse e as meninas formaram um círculo à sua volta, atacando-o e zombando dele.

As atormentadas tinham ouvido muitos relatos sobre Alden em Massachusetts e no Maine, onde ele passava muito tempo – estimou-se que tenha feito ao menos dezesseis viagens de ida e volta à fronteira desde o final de 1688. Servira valentemente na Guerra do Rei Felipe, comerciava com os Abenaki e havia negociado uma trégua que indiretamente precipitara o ataque a York. Era fornecedor das guarnições do Maine e suspeitava-se que ele preferia a venda de armas à redenção de cativos, colocando seus negócios acima dos interesses públicos. As enfeitiçadas acusaram-no de vender munição ao inimigo e disseram que dormia com mulheres indígenas. Ele atormentava as meninas com a espada, a qual, para tristeza de Alden, lhe foi confiscada. Fosse qual fosse a verdade das acusações de beneficiamento, ele prosperara no Maine, em meio ao denso fogo e aos indígenas com sede de sangue, onde outros haviam perdido a família.

Alden passou várias horas em suspense, enquanto Hathorne convocava Martha Carrier, acusada pela sobrinha de Parris e por Susannah Shelden. Martha era de uma família esquentada, a cuja reputação ela fazia jus. Quando Hathorne perguntou sobre o espectral homem negro com quem as meninas a acusavam de se consorciar, ela disse que não via nenhum homem negro a não ser o próprio magistrado, de toga e cabelos pretos. Hathorne desafiou-a a olhar para as meninas sem incapacitá-las. “Elas vão dissimular”, protestou Martha – essa era a primeira vez que se usava essa palavra. Em transe, Susannah Shelden perguntou como Martha assassinara treze pessoas. As meninas estremeceram ao descrever os espíritos na sala. Martha não via os fantasmas?, Hathorne perguntou. “Se eu falar, o senhor não vai me acreditar”, disse ela.¹⁶

Nenhuma palavra viera ainda à tona a respeito dos voos ou dos recrutas de Martha Carrier. Nem estava claro se, como seus próprios filhos iriam testemunhar, o diabo prometera à imperiosa mãe que “ela seria Rainha do Inferno”.¹⁷ “É vergonhoso dar ouvidos a essas pessoas fora de si”, observou Martha antes que a desordem assumisse enormes proporções: o ataque era tão severo que acharam que a vida das meninas

rápida solução, que poderia facilitar o caminho das futuras condenações e enviar um sinal claro a todos. Era prudente ser cooperativo, lembrou aos perpetradores. A culpa era facilmente determinada, garantia aos nervosos jurados. A condenação era prontamente obtida, demonstrava aos juízes. A atração principal podia esperar.

Desde a chegada de Newton a Salem, um nome aparecia repetidamente. Ele o ouviu até de meninas que não o tinham mencionado antes. Embora acorrentada, sua primeira acusada continuava a afligir. Ela comparecera à reunião no pasto de Parris, assassinara seis pessoas, inclusive um marido, e uma bruxa confessa a implicara. Seu caso podia ser arguido sem recorrer a provas espectrais. A mulher ameaçara um juiz, garantindo a Hathorne que, se fosse bruxa, logo ele o saberia. Tinha poucos parentes, nenhum deles do tipo combativo, como Rebecca Nurse. Newton podia invocar um corpo de provas contra ela, até um julgamento de bruxaria anterior. Enquanto os juízes e um grupo de funcionários menores viajavam a Salem, ele preparou sua acusação formal contra Bridget Bishop pela prática de magia negra com cinco garotas. O que viria a ser dito de uma mulher de Charlestown em 1693 aplicava-se à geniosa ladra e perturbadora da paz circulando com um furo no casaco que coincidia com uma estocada dada em seu espectro. “Se algum dia houve uma bruxa no mundo, era ela.”¹⁹

Ao raiar da quinta-feira, fantasmas se espalharam por toda Salem. Logo em seguida uma multidão começou a se reunir na galeria do segundo andar da prefeitura. Um grupo ocupou o piso térreo e a grande câmara superior, dotada de bancos. Os juízes ocupavam assentos elevados a uma longa mesa. Logo depois das oito horas, Newton postou-se diante do presidente, William Stoughton. O procurador-geral jurava, perguntou Stoughton, “que, segundo seu melhor julgamento, agirá de maneira fiel e verdadeira em prol de Suas Majestades, conforme a lei e a justiça, sem qualquer favor ou favorecimento, diante de Deus”? Newton jurou. Stephen Sewall jurou servir como escriturário. Um funcionário da corte tomou o juramento dos dezoito jurados, que deveriam determinar se havia provas suficientes para o prosseguimento do caso. Newton apresentou sua prova a Bridget Bishop, acusando-a de ter “ferido, torturado, afligido, espetado, consumido, esgotado e atormentado” as garotas da aldeia.²⁰ Sem grande confusão, as meninas testemunharam. Talvez Newton tenha apresentado provas do caso anterior de Bridget; ela estava em julgamento por sua personalidade e por seu crime. O grande júri – que tinha como primeiro jurado o ex-cunhado de Burroughs – apresentou cinco acusações formais contra a mulher.

Então ela foi submetida a um exame íntimo invasivo. Com a supervisão do cirurgião, um grupo de mulheres esquadrinhou o corpo de seis suspeitas de terem mamilos de bruxa. Várias das examinadoras eram experimentadas parteiras, embora isso não quisesse dizer grande coisa; as praticantes – em geral mulheres mais velhas de famílias importantes – sabiam pouco sobre as funções corporais. Nem havia orientação quanto ao que procurar: picada de pulga, verruga, pinta ou qualquer proeminência ou descoramento podiam ser qualificados de mamilo. As parteiras cutucavam e

*image
not
available*

desdenhosa viúva de Amesbury, seus seios, que pareciam cheios pela manhã, estavam murchos e achatados à tarde. Ela também havia amamentado um espírito familiar no decorrer do dia. Rebecca Nurse ficou indignada, explicando as deformidades como resultado de partos difíceis. Ela não visitara quartos de homens, não se transformara em macaco nem arrancara tábuas de prédios públicos com um olhar. No entanto, em 3 de junho, a corte a condenou por praticar “certas artes detestáveis chamadas bruxarias e feitiços” contra quatro moças da aldeia.²⁶

Enquanto isso, na aldeia, Hathorne e Corwin continuavam a expedir mandados e a ouvir reclamações. O subxerife de Salem descobriu uma nova suspeita trabalhando em sua roca e imediatamente a entregou às autoridades. Ann Dolliver, de quarenta anos, foi extremamente fácil de localizar, uma vez que morava com os filhos na casa de seu pai, o pastor mais velho da cidade de Salem, John Higginson, de 76 anos. Ann também era neta e bisneta de pastores, e os três homens que assinaram seu mandado de prisão eram paroquianos de seu pai, assim como os seus examinadores. Como Abigail Hobbs, Ann Dolliver era uma andarilha que se desentendera com a madrasta. Havia muito incapacitada pela melancolia, ela dava a impressão de estar “enlouquecida”.²⁷

É de presumir que, em deferência à sua família, Hathorne a tenha interrogado com delicadeza. Já praticara bruxaria? “Não com a intenção de ferir ninguém”, veio a resposta perturbadora.²⁸ Ann Dolliver talvez fosse simplória e certamente era ingênua, havia dormido na floresta tarde da noite e fugira de casa para evitar a madrasta. Depois de algumas lisonjas das meninas, ela revelou outras estranhezas. Possuía bonecos? Possuía dois, de cera, que fizera catorze anos antes, quando acreditava estar enfeitiçada. Sentira as alfinetadas reveladoras e lera que podia anular o encantamento.

Tanto no papel quanto em pessoa, o pai de Ann era firme e direto, um homem de “palavras macias e argumentos rudes”. No passado, havia se expressado com intensidade em seus ataques aos quacres sobre questões de doutrina, sobre uma epidemia de bebedeira, os abusos do governador real e os desregrados aldeões de Salem. Nos sermões, nunca lançou mão do diabo. Em 1692 ele não seria o último pastor a ver a filha acusada de bruxaria. Mas não parece ter objetado nada ao processo, mesmo quando chegaram à porta de sua casa. Tendo enfrentado Andros e se envolvido com enraivecidos e obstinados batistas, ele calou-se. Labutava, explicou depois, “sob as limitações de uma velhice decrépita”, e não fez menção à prisão da filha em 6 de junho.²⁹

Três dias depois, o juiz Stoughton ordenara ao subxerife de Salem que conduzisse Bridget Bishop na sexta-feira ao local indicado para a execução “e lá a fizesse pender pelo pescoço até a morte”. Em seguida o subxerife devia confirmar o ato. E, acrescentou Stoughton, numa frase inesperada (parecia haver algum temor de que a mulher escapasse), o algoz só poderia falhar se corresse algum risco.³⁰

*image
not
available*

piadosos. Satã podia tentar qualquer um, sem implicar necessariamente um pacto. Willard clamou por caridade e compaixão; certas questões deviam ser deixadas ao juízo divino.

A possibilidade de alguém incorrer em bruxaria sem ter consentido ou compactuado parecia improvável para o juiz presidente William Stoughton. Bem mais rígido que Sewall, ele sabia muito sobre a aplicação da lei. O código legal de Massachusetts enumerava com clareza os crimes, mas era pouco nítido quanto aos procedimentos da corte. Por um lado, preferia-se a indulgência, por outro, crimes que minavam a sociedade exigiam rápida punição, e a província atravessava uma crise de proporções gigantescas. Até os que não simpatizavam com o establishment puritano estavam perplexos. Havia mais de cem suspeitos na prisão, a maior parte membros da igreja. Um ministro apodrecia na prisão, assim como a filha de outro, e a esposa de um terceiro fora citada. Os patifes traíam uns aos outros tão depressa que “dizem que são mais de setecentos”.⁶ O medo invadia a Nova Inglaterra, e em 22 de junho Connecticut deu início a um julgamento de bruxaria para lidar com uma epidemia própria.

Aplicar as leis se impunha como dever sagrado, e os juízes abordaram o assunto escrupulosamente, consultando textos jurídicos e seguindo a legislação ao pé da letra. Mesmo assim, havia entre eles alguma discordância. Dias depois do enforcamento de Bridget, Nathaniel Saltonstall, de 53 anos, o terceiro juiz formado em Harvard, renunciou. Nativo de Ipswich, neto de um dos primeiros líderes da Colônia da Baía, ele ocupava regularmente a bancada. Tinha feito lobby em Londres a favor da Nova Inglaterra, ao lado de Increase Mather, e em 1687 se recusara a cooperar com Andros, transgressão pela qual passou quinze dias preso. Não se sabe se Saltonstall discordou do veredicto ou da execução de Bridget, mas o fato é que ele não foi substituído.

Embora deixasse a corte, parece que Saltonstall deu uma declaração pública. Quando alguém questionava os procedimentos, os espectros costumavam assumir a aparência dessa pessoa, e Mather já se perguntava quando o diabo iria tomar sua forma. Um guarda de Andover duvidou de algumas acusações e acabou na cadeia. De fato, dentro de um ano, começou a circular um relato sobre o espectro de Saltonstall. Mais que nunca era verdade que – como diria Baxter, numa frase que Parris iria adaptar –, “se você não é a favor de Cristo e suas obras, é contra ele”.

O ceticismo dava alguns passos aflitos e depois se encolhia. Ninguém anotou que Sarah Bibber – que o espectro de Burroughs acompanhara à audiência e agora se contorcia ao lado das meninas – era conhecidamente escandalosa, viperina e perversa. Antes de 1692, a difamação representava algo punível na Nova Inglaterra, e num dos primeiros processos de bruxaria de Massachusetts uma mulher recebeu vinte chibatadas por ter chamado alguém de bruxa. Uma mulher de Salem – sobre a qual se dissera “ela é bruxa; se ainda não for, logo será, é melhor que seja enforcada” – abriu um processo por difamação e ganhou a causa.⁷ O marido de Susannah Martin abriu

Na mesma semana dois outros casos despertaram ressentimentos naturais e travessuras sobrenaturais. As provas contra Elizabeth How, de 55 anos, eram uma coleção de maravilhas de conto de fadas: porcos saltitantes, rabanetes envenenados, maçãs que davam amnésia. Seu caso envolvia um boi morto pertencente a um cunhado e uma porca saltitante a outro. Quando citada em maio, Elizabeth How pediu a um dos cunhados que a acompanhasse a Salem – o marido, cego, não podia fazer a viagem e ela não queria ir sozinha. O homem respondeu: “Se você for bruxa, me conte há quanto tempo e que males fez, e eu vou com você.” No dia seguinte, a porca deste cunhado saltou no ar, “guinchou, caiu e morreu”.¹⁴

Nada menos que doze pessoas testemunharam em defesa de Elizabeth How, entre elas dois pastores. A mulher sempre fora boa cristã, fiel a suas promessas, justa e piedosa em suas crenças. A família do marido não a abandonou inteiramente; o sogro descreveu sua devoção ao filho cego, Elizabeth cuidava da fazenda e criava os seis filhos. Um sapateiro de Ipswich afirmou que ela não falava mal das acusadoras. O assistente do pastor de Rowley assumiu a responsabilidade de acompanhá-la numa visita a uma menina de dez anos que diziam ter sido enfeitiçada por ela. A menina nada disse em suas convulsões nem depois, e conseguiu pegar a mão de Elizabeth na presença do pastor. A mulher a ferira? “Não, nunca”, respondeu a garota. Contudo, de uma janela do andar superior, o irmão da menina gritou: “Diga que dona How é bruxa!”¹⁵

Os jurados de Salem ouviram falar de feno encantado e corda enfeitiçada quando Sarah Wilds se apresentou a eles no mesmo dia. Seu caso envolvia muitos parentes cruéis. A moça se tornara um alvo fácil porque chegara depressa demais numa família ainda em luto pela morte da esposa anterior de Wilds. Semanas antes, o guarda de Topsfield havia prendido e entregado Abigail e Deliverance Hobbs em Salem; ele era filho de Sarah Wilds. “Tenho pensado seriamente desde então”, disse Ephraim Wilds na corte, “se acusaram minha mãe por causa dessa prisão.”¹⁶ Num momento em que ainda parecia possível sair ileso, Elizabeth How e Sarah Wilds insistiram em sua inocência. Nenhum sabá demoníaco ou pacto diabólico figurava entre as acusações, ambas tinham defensores, Sarah era membro da igreja. Mas porcos voadores e objetos encantados causavam uma impressão indelével, e o júri as considerou culpadas.

Mather nada escreveu sobre outro caso julgado naquela quarta-feira. Ninguém acusara Rebecca Nurse de bruxaria antes de 1692 e ela jamais comparecera a um tribunal. Seu marido, Francis Nurse, percorreu a aldeia com uma petição afirmando que a esposa era inocente como um recém-nascido, embora cinco meninas e duas mulheres adultas se debatessem em torno dela. Samuel Sibley assinou, assim como sete Putnam (inclusive um dos acusadores) e três dos quatro membros da igreja que haviam avisado Rebecca de sua condição. (Parris manteve-se do lado oposto, sendo sua sobrinha uma das quatro acusadoras.) Nenhum outro caso dividiu tanto a comunidade.

Solteirão, Stoughton era o segundo filho de um dos primeiros magistrados de Massachusetts, líder da colonização, benfeitor de Harvard e fundador de Dorchester, agradável cidade de cerca de duzentas casas à beira de dois rios mansos. Socialmente, ele estava no nível mais alto de sua turma em Harvard. Ele completou o mestrado em Oxford, foi pregador ocasional em Dorchester, mas resistiu aos chamados para aceitar o púlpito. Bem relacionado, seis atraentes ofertas lhe foram feitas, mas recusou todas elas, optando pela carreira política na qual teve ascensão meteórica.

Aos 36 anos, ele foi o primeiro de sua geração a fazer um notável sermão eleitoral em Boston, um discurso do Estado da União distribuído depois aos líderes da cidade no qual, em tom equilibrado, polia habilmente o mito de fundação da Nova Inglaterra. O texto reverberou, suas palavras ainda eram citadas 24 anos depois: os norteamericanos eram os primogênitos de Deus, seus favoritos, os mais privilegiados. Stoughton estendia-se sobre a expectativa divina e o exemplo paterno, e lembrava a seus compatriotas que os colonizadores representavam o melhor da colheita. Fez um nobre elogio da hierarquia, injetando também a nota milenarista obrigatória: o Senhor logo “iria encerrar sua obra no mundo”.

Aos quarenta anos, Stoughton passou a se dedicar ao serviço público e à especulação imobiliária, combinação tradicionalmente lucrativa. Com sócios ingleses – geralmente associados a seu aliado político mais próximo, Joseph Dudley, presidente da colônia durante um breve período –, ele lançou-se numa febre de acumulação de terras durante os anos 1680. (Um agente real queixou-se de que era impossível contestar a posse da Coroa sobre títulos de terras quando os juízes de Massachusetts eram os proprietários dessas áreas.)²⁵ Quando solucionaram questões de terra indígena em 1681, Stoughton e Dudley reservaram para si oitocentos hectares de terra rica em maciças florestas de pinho branco. Cinco anos depois, presidiram uma “fracassada” tentativa de obter 40 mil hectares ao longo do rio Merrimack.

Nas duas décadas entre o momento em que foi nomeado para a banca e aquele em que se dirigiu aos jurados de Rebecca Nurse, Stoughton provou que havia homens que progrediam em qualquer regime. No começo da Guerra do Rei Felipe, ele fora para Londres, sendo um dos primeiros de uma série de agentes coloniais que defenderiam a colônia da acusação de mentalidade independente, insubmissão e fraude. Aos olhos ingleses eles eram todos adolescentes destemperados e intolerantes. Stoughton fez pouco progresso. Ouviu com humilhação os relatos das contravenções coloniais e os primeiros debates sobre o esvaziamento da Carta. Voltou a Boston e foi recebido com frieza: moderado para os ingleses, ele parecia conciliador em sua terra.

Ao longo dos anos seguintes Stoughton executou um feito de agilidade acrobática. Era considerado praticamente um traidor quando, em 1684, a Coroa revogou a Carta de Massachusetts. Até Increase Mather o declarou inimigo do povo. O juiz foi vice-presidente do governo provisório no período do Domínio, contrariando Willard e Mather, que se opunham a esse regime. Cooperou com Andros quando o governador

grupo disparatado. Aos 39 anos (ela fizera aniversário na cadeia), a rancorosa Sarah Good era a mais nova. Sua filha de cinco anos ficara acorrentada em Boston, onde Sarah perdera o bebê que amamentava quando foi presa. Com 71 anos, Rebecca Nurse e a amarga viúva de Amesbury, Susannah Martin, eram as mais velhas. As mulheres tinham passado as piores semanas de suas vidas, mas nem todas haviam sido condenadas antes. Nenhuma fazia parte da congregação de Parris. Uma era pobre, outra rica. Sarah Good e Susannah Martin eram errantes, com processos questionando heranças fugidias. Susannah era a única viúva. O marido de Sarah Good concordara que a esposa era bruxa; Francis Nurse dedicou-se a provar que a dele não era. Processadas por uma variedade de crimes, tinham pouco em comum além do gênero e da aparência miserável. Com exceção de Rebecca Nurse, todas já haviam estado no tribunal, o que as tornava vulneráveis.

Cinco bruxas rumando para a execução não era algo a se perder. Todos esperaram o troar dos cascos e das rodas, todos testemunharam a mesma visão. Quando olhavam umas para as outras, as cinco mulheres viam um bando de inocentes, algumas mais que outras. Susannah Martin perguntara se alguém além das meninas afligidas praticava bruxaria. Durante semanas as mulheres tinham sido expostas à mais perniciosas das condições psicológicas: “Vocês não são quem pensam ser, vocês são o que achamos que são.” O que aquelas pessoas nas ruas de Salem viam quando a carroça passou até o limite da cidade? Alguns enxergavam cinco mulheres velhas, bondosas, deprimidas, desgrenhadas; outros, a solução de mistérios incômodos. A grande maioria via cinco bruxas poderosas. Como dissera Martha Corey acerca das primeiras suspeitas, não era de admirar que o diabo as tivesse recrutado. Eram almas preguiçosas, estéreis, malignas. Muitos defensores de Rebecca Nurse consideravam culpadas suas companheiras de carroça. Alguns sem dúvida se encolheram de medo quando a empoeirada procissão passou, outros prometeram redobrar na devoção. Se Rebecca Nurse podia acabar envolvida com o diabo, quem estaria seguro?

O bom magistrado, pregara Stoughton em 1668, ousa obedecer à sua consciência. Era sua incumbência ficar alerta contra os recursos de Satã, dirigir a ira divina, preservar a unidade e erradicar o mal. Ele sabia que a Nova Inglaterra estava sofrendo com a provação divina, mostrara-se correto a respeito das forças do mal. Ao lado das atividades religiosas, os magistrados podiam provar que a Nova Inglaterra não se “abatera em nosso amor e zelo, em nosso sábio, terno e fiel exercício desse grande dever da mútua vigilância e censura”.³⁰ Cotton Mather escreveria depois que as cinco mulheres eram bruxas, “exigindo de Deus a vingança de sua inocência”.³¹ Qualquer vestígio de dúvida se evaporava no calor da manhã, restava apenas uma névoa flutuante de rancor. Não temos indício do que pensavam as meninas afligidas.

Havia outro jeito de entender o sentido da procissão que subia a encosta. Cinquenta e três anos antes, um funcionário descuidado de Massachusetts havia traçado a linha divisória de Topsfield sobre a da aldeia de Salem. O resultado foi que uma parte do

estava errado. Com uma única exceção, ninguém que confessasse sequer era chamado a juízo. Abigail Hobbs, Tituba e Margaret Jacobs continuavam em segurança na cadeia ao lado de outras nove bruxas confessas. No passado a enfeitiçada era objeto de estudo clínico, e apenas juízes e pastores decifravam a bruxaria. Em 1692 as meninas atingidas desempenhavam papel interpretativo, com amplos poderes de diagnóstico.

No fim de julho, um homem de Salem notou que Deus suspendera um flagelo – há um ano não havia casos de varíola –, porém enviara uma nova praga. Seu agente de contágio seria um bem-intencionado fazendeiro de Andover, desesperado para salvar a esposa moribunda que em vinte anos lhe dera dez filhos. Estaria o marido relacionado às “dores e pressões” que incapacitavam Elizabeth desde a primavera? Os parentes recorreram à cartomancia e à magia negra, mas sem resultado. Ballard nada sabia do assunto e consultou as autoridades, que o encorajaram a mandar uma escolta às visionárias de Salem. Do grupo era quase certo fazerem parte a sobrinha de Parris e Mary Walcott. À beira do leito de Elizabeth Ballard, as meninas entraram em transe e apontaram como responsável a frágil anciã Ann Foster.³

Pouco depois, um guarda levou Ann para a aldeia de Salem. Vizinha de Ballard no limiar sul da cidade, ela era viúva de um fazendeiro gentil, muito mais velho. Em 15 de julho, ela foi submetida ao primeiro de muitos interrogatórios, que começaram logo depois de Stoughton ter condenado à morte cinco bruxas e só terminaram dois dias depois da execução. Ann negou qualquer envolvimento com bruxaria, mas logo começou a contar uma história digna de Tituba. O diabo lhe aparecera sob a forma de pássaro exótico. Ele lhe prometera prosperidade e o dom do mau-olhado. Havia seis meses não o via, mas sua vizinha Martha Carrier mantivera contato com ele em seu nome. Se alguém se lembrou de perguntar a Ann sobre a doente Elizabeth Ballard, nada ficou registrado.

Sob a direção de Martha Carrier, Ann enfeitiçara diversas crianças e um porco. Martha anunciara o sabá do diabo em maio e preparara a viagem. Eram 25 confederados no campo onde o reverendo Burroughs exercia suas funções. Três dias depois, na prisão de Salem, Ann confessou a viagem montada no galho e mencionou dois homens que compareceram à reunião, onde ouvira uma bruxa dizer que eram 305 no total e iam destruir a aldeia. Stoughton marcara um enforcamento para a manhã seguinte. John Hale quis prosseguir no interrogatório da suspeita porque estava curioso sobre dois aspectos. Como Ann voara a Salem e onde fora a reunião? A anciã temia que George Burroughs e Martha Carrier a matassem por revelar seus segredos. Ambos estavam acorrentados ali perto, tinham-lhe aparecido como espectros e pretendiam esfaqueá-la. Confessar bruxaria podia salvar a vida da pessoa, mas exigia muita coragem.

Sozinha com Hale e diante dos juízes Ann Foster parecia cooperativa, porém eles logo descobriram que ela não estava jogando limpo. Aparentemente, na viagem a Salem, ela e Martha Carrier estavam acompanhadas por uma terceira passageira. Pelo

*image
not
available*

mais fácil descrever escapadas satânicas quando a adolescente já ouvira falar delas ou acreditava brincar com o diabo. Mary Lacey, filha, era uma forte rival para Abigail Hobbs.

A adolescente, aliás, começou de onde Abigail havia parado – decerto as duas haviam se encontrado na prisão. Duas vezes por noite um estranho barulho noturno havia incomodado Mary em sua cama. Isso acontecera na semana anterior, um ano antes, dezesseis meses antes – os detalhes mudavam. O diabo a visitara a primeira vez na forma de um cavalo, a segunda como “uma coisa redonda, cinzenta”. Orientou-a a afligir diversas pessoas, inclusive Elizabeth Ballard, mencionada pela primeira vez. Mary fazia suas bruxarias com bonecos e implicou a mãe, a avó, Martha Carrier e seu filho adolescente, Richard. Que forma assumia a adoração satânica? “O diabo me propunha rezar para ele, servi-lo, e disse que era meu deus e senhor”, admitiu. Ela implicou mais um filho de Carrier antes de revelar outra coisa. “O diabo exige de você algo além de ferir pessoas?”, perguntou um magistrado. De fato, exigia. As bruxas tinham de recrutar seguidores, renunciar a seu batismo na Igreja, perspectiva que entrava em choque com os próprios fundamentos da Nova Inglaterra.

Mary Lacey, filha, desvendou os mistérios de como um homem podia passar o dia plantando milho e comungar com o diabo sem que os vizinhos notassem sua ausência. “Às vezes deixamos nossos corpos em casa, mas outras vezes vamos com nossos corpos”, ela explicou, “e o diabo põe uma névoa diante dos olhos dos outros e não deixa que nos vejam.” Ela esclareceu também uma questão importante. “Já ouviu falar que o diabo fere na forma de uma pessoa sem o consentimento dela?”, perguntaram os juízes. “Quando a pessoa bate com uma espada ou pau num espírito ou espectro, isso fere o corpo?”, indagou um deles. Mary disse que sim. Tanto sua mãe quanto sua avó apresentavam lesões. A revelação teve efeito imediato: como a validação da prova espectral, Mary Warren deu um passo adiante, pegou a mão de Mary Lacey, filha, e dessa vez a criada dos Procter não sentiu nem uma pontada de desconforto.

Só então Mary Lacey, mãe, voltou à sala, e um dos juízes entoou: “Aqui está uma pobre criança desgraçada, uma mãe e uma avó perversas.” Isso produziu uma explosão emocional. “Ah, mãe, por que você me entregou ao diabo duas ou três vezes?”, perguntou a adolescente, as lágrimas correndo pelo rosto. A mãe pediu desculpas, porém a filha prosseguiu – “Ah, a mãe me entregou ao diabo” – e orou para que o Senhor expusesse todas as bruxas. Trouxeram a avó de volta à sala. Três gerações de feiticeiras estavam agora diante de Higginson, Gedney, Hathorne e Corwin na igreja da aldeia. Mary Lacey, filha, continuou na ladainha: “Ah, avó, por que me entregou ao diabo? Por que me convenceu? Ah, avó, não negue. A senhora foi uma mulher muito má.”

Ann Foster sucumbiu diante do ataque da neta. Os juízes passaram a se dirigir a ela como “velha”. Segundo um deles, a adolescente mostrava sinais de arrependimento, podia ser arrancada das garras do diabo; Ann Foster, porém, namorava o fogo

devorador e as chamas eternas. Estava na hora de ela contar a verdade. A anciã confessou alguns detalhes: era bruxa havia seis anos. (A adolescente imediatamente corrigiu para sete, e Ann admitiu que não sabia, “mas podia ser”.) Os juízes leram a confissão de Mary Lacey, filha, para sua mãe e sua avó. Elas confirmaram ter viajado juntas para a reunião das bruxas, ter assinado o livro do diabo com tinta vermelha e realizar seus feitiços com bonecos. Martha Carrier havia se gabado a Mary Lacey, mãe, de que o diabo faria dela “Rainha do Inferno”. A filha de Ann Foster corroborou o acidente do voo. As três seguiram juntas para a cadeia enquanto uma série de mandados tomava o caminho de Andover.⁴

No dia seguinte, Richard (dezoito anos) e Andrew Carrier (dezesesseis anos) compareceram perante os magistrados na taverna Beadle, onde Burroughs fora detido.⁵ Respondiam à acusação de terem afligido Mary Warren. Os dois Carrier eram rapazes bonitos, saudáveis e espertos. Ambos negaram qualquer envolvimento com bruxaria. Como os suspeitos surgiam aos montes, os inquéritos tendiam a se sobrepor. Mary Lacey, filha, disse que os rapazes tinham voado com o diabo; instruído por ele, Richard enfiara um pino de ferro no joelho de uma vítima; os dois apunhalaram um homem. A mãe de Mary protestou que não tinha participado desse ataque. A filha a corrigiu: “Participou, sim, mãe, não negue.” Mary Lacey, mãe, passou a confirmar diversos nomes, a descrever instrumentos de tortura e uma sessão de treinamento em que as bruxas queimaram a vítima com um cachimbo. Richard Carrier negou tudo, e Mary Lacey, filha, o provocou! Eles tinham matado juntos! Não se lembrava dos planos para recrutar o irmão e matar a esposa de Ballard? As afligidas começaram a tremer e Mary Warren vomitou sangue. As autoridades levaram os rapazes para uma sala vizinha.

Os Carrier se mostraram menos obstinados ao voltar. Richard apareceu primeiro, admitindo as acusações com frases curtas. Durante um ano inteiro havia servido a um homem negro que encontrara pela primeira vez na cidade, quando o estranho percebeu que Richard estava nervoso por ter de voltar a cavalo para casa no escuro, e se ofereceu para acompanhá-lo. Depois Richard fez o que ele pediu. Voara duas vezes ao pasto de Parris e o diabo o batizou; o rapaz lhe emprestara o corpo para torturar Elizabeth Ballard. Quando Andrew voltou para a sala, o irmão mais velho o recebeu com a notícia de que havia confessado. O rapaz mais novo era agora uma testemunha diferente, se expressava com fluência e contou que assinara um pacto com o diabo, a quem encontrara à noite num pomar de Andover. Os dois rapazes se mostraram altamente dignos de crédito. Com sua ajuda, os juízes chegaram enfim ao explosivo cerne da questão.

DOIS MESES ANTES, quando quase toda a aldeia de Salem estava ocupada em tosar ovelhas, bater manteiga e plantar milho, um grande enxame de bruxas pousou no pasto muito verde de Parris. Talvez tenha sido possível ouvir a trombeta que as conclamava.

Seguiu-se o bater de um tambor e uma grande comoção quando, vindas de longe, de Connecticut, num suceder de chegadas, as bruxas baixaram sobre a aldeia usando todos os meios de transporte aéreos. Nem todos sabiam como tinham sido levadas a Salem. As bruxas de Andover chegaram em minutos. Mary Lacey, mãe, viajou num galho frágil com sua mãe, Ann Foster, e Martha Carrier. Richard Carrier não se lembrava da data da reunião, mas quando lhe refrescaram a memória concordou que tinha voado com Mary Lacey, filha, num dispositivo desajeitado: assumindo a forma de cavalo, o diabo carregara as adolescentes num bastão equilibrado sobre seus ombros. A maior parte voou em grupos de três ou quatro. Alguns do contingente de Andover se uniram a Ann Foster e Martha Carrier. Ann contou apenas 25 bruxas. Richard Carrier mencionou setenta, Mary Lacey, filha, calculava-as em uma centena. O diabo apareceu como um homem negro com chapéu de copa alta (outra importação da Suécia), e um celebrante viu nele uma pata fendida.

As bruxas entregaram-se a uma cerimônia satânica subversiva sobretudo porque oficiada por mulheres. Rebecca Nurse sentara-se à cabeceira da mesa de comunhão, ao lado do diabo; com um encantamento, ela e Elizabeth Procter serviram vinho tinto e pão. Rebecca garantiu a Abigail Hobbs que o vinho era sangue. A sobrinha de Parris confirmou ter visto os celebrantes comerem e beberem. O que foi servido? “Disseram que era nosso sangue e o bebiam duas vezes por dia”; quanto ao pão, era “vermelho como carne viva”. Um participante viu Martha Carrier servir o vinho. Mary Lacey, filha, lembrou que não houvera pão suficiente. Alguns tiveram de roubar provisões, e outros, como sua avó, tinham trazido a própria comida. Nem todo mundo participou. Andrew Carrier bebeu num cálice de cerâmica, mas não comeu. Estava longe demais para ouvir o que o diabo dizia enquanto administrava o sacramento.

O reverendo Burroughs ministrou o sacramento na presença de dois outros homens. Apesar de repetidos interrogatórios, ninguém conseguiu identificá-los, mas ao menos um deles era pastor. O diabo ofereceu seu grande livro, que todos assinaram, mas com materiais diferentes. Apenas um participante se recusou a assinar, para imediato arrependimento. Ele produziu “ruídos e gritos que quase o enlouqueceram de medo”.⁶ A maioria anotou na página os nomes de seus confederados e assinou servidão por seis a oito anos. Embora houvesse discordância sobre detalhes, não se duvidava das atribuições. A começar pela família de Parris e se expandindo até a cidade de Salem, deviam destruir todas as igrejas da baía de Massachusetts. Em seu lugar instalariam o reino de Satã, no qual os recrutas viveriam dias felizes e tempos melhores.

O diabo também prometia coisas específicas. Ofereceu a Richard Carrier roupas novas e um cavalo; seduziu o irmão de Carrier com um cavalo e terras. Pagaria as dívidas de um agricultor que passava grandes dificuldades. A um carpinteiro de Andover, ele propôs o posto de capitão da milícia. Prometeu a Stephen Johnson, de catorze anos, um par de botinas, atraiu outro adolescente com um conjunto de roupas. Garantiu a uma menina de Andover, de treze anos, que seus pecados seriam perdoados.

Tentou uma mulher mais velha de Boxford dizendo que ela poderia vingar-se de seus inimigos. Várias pessoas ouviram Martha Carrier se gabar de que o diabo lhe oferecera o título de “Rainha do Inferno”. Ela governaria na companhia de um pastor. Disfarçado de Burroughs, o infernal prometeu aliviar os medos dela. A outro recruta ele acenou com algo ainda mais espetacular: tornaria todos os homens iguais. Por que não anular o Juízo Final, eliminar a vergonha e o pecado?

Dois dias depois de os rapazes Carrier prestarem seu triste depoimento, John Procter conseguiu que lhe entregassem papel e tinta. Primeiro homem a ser preso, estava na cadeia desde abril, e a maior parte de sua família se juntara a ele. Acorrentado, John redigiu uma petição. Ele também vinha denunciando suspeitos. Porém, o bronco taverneiro, que antes gritara que as meninas incontroláveis mereciam uma surra, encaixava os eventos de um jeito diferente. De fato, cinco pessoas haviam confessado naquela semana. Ele falara com cada uma delas: todas tinham inventado o seu relato. Como, perguntava, ele poderia ter comparecido ao sacramento diabólico se estava acorrentado na prisão? Entre os cinco rapazes que compareceram ao sabá estavam os dois Carrier, e Procter sabia o destino deles. O relator da corte observara que os rapazes haviam sido conduzidos de “pés e mãos amarrados por um breve momento”.⁷ Procter revelou que aquilo fora uma encenação. Escoltados para fora da sala, os adolescentes “não confessaram nada até serem amarrados pelo pescoço e tornozelos, o sangue quase a jorrar de seus narizes”. Só então eles inventaram o que nunca haviam feito. Procter estava indignado porque seu filho também fora amarrado e havia sangrado. A tortura teria continuado a noite inteira se um funcionário piedoso não intervisse.⁸

Se Procter presenciasse os depoimentos, teria comentado outro tipo de tortura: as autoridades violentavam os fatos para lhes dar forma. O testemunho de Mary Lacey, filha, era cheio de incitamentos e saltos; a corte lhe sugeria o perdão tal como o diabo lhe acenara com a glória. Em agosto os relatos ganharam forma mais clara, o que tornou as confissões mais exatas. Quanto às discrepâncias, os juízes as consideraram truques satânicos. Coerência demais, nessas circunstâncias, podia parecer suspeito, porque o diabo aturdiava a mente de seus recrutas. Fazia todo sentido que Mary Lacey, mãe, não conseguisse responder mais às perguntas: ela temia que o diabo tivesse apagado sua memória. Enquanto ela subia a escada para depor, outra suspeita resolveu confessar; porém, uma vez dentro da sala, descobriu que não conseguia. O arquidemônio “removia coisas de sua cabeça”, explicou.⁹

Procter sabia que seu julgamento estava marcado para 2 de agosto, junto com o de George Burroughs, e escreveu com certa urgência. Dirigindo-se a cinco eminentes pastores de Boston (incluindo Increase Mather e Samuel Willard), ele alertou que estava a ponto de ocorrer uma terrível falha da Justiça. Não falava por si mesmo, mas por seus companheiros de prisão, todos inocentes. Ninguém devia esperar um julgamento justo, pois o diabo inflamara magistrados, pastores, júri e povo contra eles.